



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

GABRIEL ROSSI

***HEAUTONTIMORUMENOS DE TERÊNCIO:
A PERSONA MULTIFACE DE CREMES***

CAMPINAS

2011

Gabriel Rossi

***Heautontimorumenos* de Terêncio:**

A persona multiface de Cremes

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem, da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para a obtenção
do título de Bacharel em Estudos Literários.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Isabella Tardin Cardoso

CAMPINAS

2011

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, sou imensamente grato àquela que possibilitou não somente o início dessa pesquisa, como também amiúde me auxiliou, ora sugerindo soluções e sugestões, ora revisando e corrigindo minhas conclusões – essas advindas de minha leitura da peça em apreço somada à contribuição teórica dos estudiosos – e também o texto aqui elaborado de modo a torná-los mais claros e objetivos, conquanto, confesso, meu estilo seja intencionalmente rebuscado: sou extremamente grato à profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso, quem me orientou e me apoiou na concretização desse trabalho. Não menos importante agradeço muito a todos os meus familiares pelo apoio, sempre presentes em meu coração: Edivaldo Lima de Araújo, Maria Rossi Marchi, Eduardo Marchi e Aparecida Eliana Marchi.

Meus agradecimentos aos estudiosos que generosamente me enviaram seus artigos: Emily Gowers (Faculdade de Clássicas de Cambridge, Reino Unido), Dwora Gilula (Universidade Hebráica, Jerusalem), Robert Maltby (Universidade de Leeds, Reino Unido) e principalmente Ortwin Knorr (Departamento de Clássicas da Universidade Willamette, Oregon), que me auxiliou em algumas dúvidas, e me disponibilizou parte do material para pesquisa. Por fim, não posso me esquecer do inestimável auxílio dos participantes da banca examinadora, a profa. Dra. Zélia Ladeira Veras de Almeida Cardoso e o prof. Dr. Alexandre Soares: meus sinceros agradecimentos pelas preciosas observações e pelos argutos conselhos.

RESUMO

Figura, dentre as seis comédias (*fabula palliata*) de Terêncio, *Heautontimorumenos*: peça em que sobejam tramóias e pode-se observar a apurada elocução terenciana. Uma vez que seu título poderia direcionar a atenção a um personagem a que se associa a figura de “autoflagelador” (Menedemo), convém, entretanto, analisar a composição de outro deles: Cremes, cuja personalidade multiface e certas atitudes inusitadas suscitam os vários e cômicos mal-entendidos da comédia em apreço. Conquanto pareça, aparentemente, apenas um velho (*senex*) campônio a proferir sentenças gnômicas acerca da natureza humana, Cremes possui uma personalidade (*persona*) matizada: em diversos momentos observamo-lo agir tanto como um personagem tipo, quanto imprevisivelmente. No decorrer da peça, ao que os intentos de Cremes e os (pré-)conceitos dele quanto à imagem que tem de si mesmo e dos demais se defrontam com o desenvolvimento dos acontecimentos e as descobertas da peça, transparecem inúmeros enganos. Por meio do confronto das falas desse personagem, o presente estudo busca contribuir para o detalhamento do enredo da peça, bem como para análise de aspectos da composição terenciana.

Palavras-chave: Terêncio, *fabula palliata*, *Heautontimorumenos*, Cremes, *persona*.

ABSTRACT

Heautontimorumenos is one of Terence's six comedies (*fabula palliata*): a play filled with deceptions in which Terentian refined elocution shines brightly. Notwithstanding the play's title can lead us to look at the character whom the "self-tormentor" designation suits better (Menedemus), it's worthwhile to observe another character: Chremes, whose multifaceted personality and diversified behavior set up many comical misleadingness. Although he seems to be just an aged (*senex*) farmer uttering gnomonic statements about human nature, Chremes has a nuanced personality: we can see him acting as a stock character and, at the same time, unpredictably. In the course of play, when the intentions and (pre)conceptions regarding the figure Chremes has of himself and the others are faced with the developments and the discoveries in the play, many mistakes appear. Through the comparison of Chremes' speeches, the aim of this study is to contribute analyzing details of the plot of the play and aspects of Terentian composition.

Keywords: Terence, *fabula palliata*, *Heautontimorumenos*, Chremes, *persona*.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	01
1.1 – <i>Vita Terenti</i>.....	03
1.2 – <i>Ars Terenti</i>.....	05
 2 – O <i>HEAUTONTIMORUMENOS</i> DE TERÊNCIO	
2.1 – Resumo da peça.....	08
2.2 – A peça e o papel do personagem Cremes.....	10
 3 – A <i>PERSONA</i> DE CREMES NOS ATOS DA PEÇA	
3.1 – Ato I: um <i>senex</i> admoestador e partidário da boa conduta.....	12
3.2 – Ato II: Cremes na perspectiva dos demais personagens.....	18
3.3 – Ato III: O Cremes matreiro.....	21
3.4 – Ato IV: As reações de Cremes às reviravoltas da peça.....	28
3.5 – Ato V: Cremes: <i>pater durus et senex ridiculus</i>.....	33
 4 – CONCLUSÃO.....	41
 5 – BIBLIOGRAFIA.....	43

1 – Introdução

*aut agitur res in scaenis aut acta refertur
segius irritant animos demissa per aurem
quam quae sunt oculis subiecta fidelibus et quae
ipse sibi tradit spectator* (Horácio, *Ars Poetica* 179-82)

“Ou se encenam no palco os eventos, ou se refere àqueles
acontecidos, os retidos pelo ouvido estimulam os ânimos
em menor propensão do que aqueles dispostos para fiéis
olhos e os quais o próprio espectador arrebatava para si”

No *corpus* de estudos concernentes às peças do comediógrafo Terêncio (séc. II a.C.), *Heautontimorumenos* seria, quicá, uma comédia pouco apreciada, estudada, e ou conhecida do autor, como afirma A. J. Brothers (1998: vii), em sua edição comentada da peça.¹ Uma vez que essa afirmação é válida ainda hoje no quadro de nosso país, o presente estudo visa a contribuir modestamente para estimular uma maior atenção a essa obra que tanta influência exerceu na literatura moderna².

Os acontecimentos prévios em que se esteia o enredo de *Heautontimorumenos* podem ser sumarizados em poucas palavras: Menedemo, um velho arrependido de causar a fuga de casa de seu único filho, autoflagela-se impingindo a si mesmo afãs degradantes. Somos inteirados, no transcurso do primeiro ato, tanto desses precedentes, quanto do retorno do filho daquele. Doravante, a partir da conjunção de uma iniciativa tomada pelo escravo Siro com as pretensões de um personagem, o velho (*senex*) Cremes, surgem vários quiproquós. Malgrado a reduzida movimentação cênica, observamos uma profusão de falas e diálogos entre os personagens da peça à medida que planejam maneiras de ludibriar outrem.

O presente estudo visa observar de que maneira a composição desse personagem é fundamental ao enredo da comédia: o *senex* Cremes amiúde deseja tanto se inteirar, quanto participar de todos os eventos, valendo-se, para tanto, de sua capacidade de

¹ “Terence’s *The Self-Tormentor* is the most neglected of the dramatist’s six comedies. No new full-scale edition of the play has appeared in Britain this century, nor in the English-speaking world for over seventy five years, and such older commentaries as do exist are largely concerned with narrow linguistic or philological matters”, afirma Brothers (1998, vii).

² A despeito de uma quantidade relativamente pequena de estudos, a sua influência na literatura posterior é inegável, haja vista, por exemplo, o fato de que *L’ Héautontimorouménos* é também título atribuído por Baudelaire ao octagésimo terceiro poema da seção *Spleen et idéal* de seu livro *Les Fleurs du Mal* de 1857. Repleto de oxímoros o poema versa sobre o desejo de flagelar a si mesmo e os demais.

assumir múltiplas *personae*, ou seja, de, no papel de um *senex*, encenar outros personagens, ou, em outras palavras, apresentar “máscaras” superpostas³.

Ao se confrontar as proposições e as asserções desse personagem com as dos demais, é possível observar a atribuída maestria de Terêncio na caracterização dos personagens, bem como a sutileza com que o autor cria situações cômicas e irônicas. Pretende-se, portanto, analisar as falas, principalmente do personagem Cremes, de modo a ressaltar diversos elementos da peça em apreço que, segundo aqui se propõe, podem contribuir para a apreciação de *Heautontimorumenos* e da arte de Terêncio. Outrossim, após breves apontamentos sobre a vida e obra do autor, passaremos, nas próximas seções deste estudo, a observar detalhadamente a presença de Cremes nos atos da peça.

³ O termo *persona* tanto pode designar um personagem (cf. *OLD*, segunda acepção), quanto a máscara (cf. *OLD*, primeira acepção).

1.1 – *Vita Terenti*

São exíguas as informações sobre o comediógrafo Terêncio, autor de seis peças supérstites⁴ de grande sucesso na Antiguidade⁵ e imensa repercussão até a atualidade. Quanto à sua origem, na única fonte antiga sobre sua vida⁶ é possível apreender: “nativo de Cartago, foi em Roma escravo do senador Terêncio Lucano, por quem, em virtude de seu intelecto e beleza, não apenas foi instruído à maneira de um homem livre, como também foi prematuramente libertado.”⁷ Se, por um lado, incontestemente, para o biógrafo e historiador Suetônio, é a escravidão (*seruii Romae*), seria, entretanto, apenas um rumor o fato de Terêncio ter sido cativo (*captum esse existimant*), bem como sua ascensão por meio da beleza (*corporis gratia*), topos comumente encontrados nas invectivas políticas e amiúde explorados pelo biógrafo.⁸ Este complementa: “Terêncio conviveu familiarmente em meio a muitos nobres, mas principalmente junto de Cipião Africano e Gneu Lélcio, aos quais ainda estaria ligado em razão de seu corpo, segundo se especulava” (*Hic cum multis nobilibus familiariter*

⁴ Respectivamente: *Andria* (166 a.C.), *Hecyra* (165 a.C.), *Heautontimorumenos* (a.C. 163), *Eunuchus* (161 a.C.), *Phormio* (161 a.C.) e *Adelphoe* (160 a.C.). Datação estabelecida por Brown (2006).

⁵ Suetônio, biógrafo e historiador, séc. I d.C., relata: “A peça *Eunuco* foi, de fato, encenada duas vezes no mesmo dia e premiada, como comédia alguma de um escritor dantes fora, isto é: com oito mil numos. Dessarte, também se registra a soma junto ao título.” (*Eunuchus equidem bis die acta est meruitque pretium, quantum nulla antea cuiusquam comoedia, id est octo milia nummorum. Propterea summa quoque titulo ascribitur.*), cf. Rolfe (1959: 456). Sobre valor desse montante à época de Terêncio, segundo Gilula (1985: 74-78), Suetônio, valendo-se do termo *nummus* no sentido antigo (registrado por volta de 190 a.C, cf. OLD, sentido 2 ao termo), teria copiado a inscrição de um manuscrito (quicá o original) disponível à sua época. Em 161 a.C., *nummus* designava não simplesmente uma moeda em geral, mas o *denarius*, moeda de prata (antes disso, o mesmo termo corresponderia a outra moeda, cf. OLD sentido 1). Plutarco, em seu livro sobre Catão o velho (*Cato* 4, 4), reporta: o censor (coevo de Terêncio) dizia não usar vestimentas que custassem mais de cem *denarii* e que jamais pagaria mais de mil e quinhentos *denarii* por um escravo. Assim sendo, a quantia ofertada em bonificação à encenação de *Eunuchus* providenciaria uma longa e farta vida ao comediógrafo.

⁶ Trata-se da *Vita Terentii*, atribuída a Suetônio e legada por meio de Donato (*Aelius Donatus*), gramático, séc. IV d.C.. Observa Brandão (2006: 111-13), no tocante ao valor documental da biografia, que Suetônio se vale da erudição para compendiar fatos históricos, anedotas, rumores, provas e escritos de modo a construir, num balanço dos testemunhos literários, uma opinião favorável a respeito do biografado, sem escamotear do leitor a possibilidade de opinar.

⁷ Rolfe (1959: 452): *Karthagine natus, serviit Romae Terentio Lucano senatori, a quo ob ingenium et formam non institutus modo liberaliter sed et mature manumissus est.* O termo *liberaliter* é polissêmico neste contexto: pode significar “de maneira digna de um homem livre” (modo como o próprio Terêncio o usa em *And.* 38, (cf. OLD, sentido 1: “like or in a manner of a free man”), que é como o entendemos na passagem, ou ainda “generosamente” (cf. OLD, segunda acepção).

⁸ Suetônio conjectura a partir dos prólogos e das peças do comediógrafo; não contesta, entretanto, a origem servil do poeta, possível “lugar-comum”, malgrado a finura do estilo e o domínio da língua latina terencianos, apresentando amiúde contradições assinaladas como especulações (*existimantur*). Cf. Brandão (2006).

vixit, sed maxime cum Scipione Africano et C. Laelio. Quibus etiam corporis gratia conciliatus existimatur, Rolfe, 1959: 452).

No que compete aos testemunhos de escritores posteriores sobre o prestígio de Terêncio como comediógrafo, Parker (1986: 589) destaca: Varrão (séc. I a.C.) louva igualmente Plauto (séc. III a.C.) Cecílio e Terêncio (ambos séc. II a.C.) consoante ao talento de cada, respectivamente: a linguagem exuberante, a construção da trama e o delineamento de personagens. Suetônio também oferece juízos sobre o valor da obra terenciana: “um tal Afrânio o destaca dentre todos os comediógrafos, escrevendo sobre ele em sua *Compilação*” (*Hunc Afranius quidem omnibus comicis praeferit scribens in “Compitalibus”*, Rolfe, 1959: 460), e “dizendo que ninguém é comparável a Terêncio (*“Terenti non similem dicens quempiam.”* Rolfe, *ibidem*). Na seqüência, Suetônio transcreve os pareceres de M. Túlio Cícero e G. Júlio César, respectivamente:

*Tu quoque, qui solus lecto sermone, Terenti,
conversum expressumque Latina voce Menandrum
in medium nobis sedatis vocibus effers,
quiddam come loquens atque omnia dulcia dicens*⁹

“E também tu, ó Terêncio, que tão unicamente trazes ao nosso meio, em seleta elocução, Menandro, convertido e expresso em língua latina, em tom calmo, enunciando algo com refinamento e tudo dizendo docemente.”

*Tu quoque, tu in summis, o dimidiate Menander,
poneris, et merito, puri sermonis amator;
lenibus atque utinam scriptis adiuncta foret vis
comica ut aequato virtus polleret honore,
cum Graecis neve hac despectus parte iaceres!
Vnum hoc maceror ac doleo tibi desse, Terenti.*

Tu também, ó quase Menandro, és posto dentre os grandes, e com mérito, amante da pureza da elocução; mas quem dera se aos seus escritos graciosos fosse acrescida uma força cômica afim de tanto se equipararem em prestígio, quanto competirem com os gregos de modo que não te decaias desprezado neste quesito! Aflijo-me, pois me condói que careças só disso, ó Terêncio.”

⁹ A passagem transmitida por Suetônio é compilada entre os fragmentos de poesia legados por Cícero (*Poet.* 2, 16), na edição de Clark, *Oxford Classical Texts*, 1911. Cf. *OLD*, verbete *comis*, sentido 2 (having good taste, elegant, cultured”).

1.2 – *Ars Terenti*

*malevolus vetus poeta dictitat
repente ad studium hunc se adplicasse musicum,
amicum ingenio fretum, haud natura sua. (Heaut. 22-24)*

“Um poeta velho e malevolente vem dizendo que, de súbito, consagrou-se ao exercício da poesia se servindo da destreza de amigos e não de sua competência”¹⁰.

Conquanto haja uma distância temporal e estrutural (i. e., estilística: concernente aos objetivos e à elaboração da composição), é inevitável o cotejo da arte (*ars*) terenciana¹¹ com o humor de seu bem-sucedido antecessor Tito Mácio Plauto (séc. III-II a.C.)¹², atuante como autor do mesmo gênero dramático (*fabula palliata*) na Roma antiga, décadas anteriores às de nosso poeta. A postura mais tradicional entre os estudiosos é a de que Terêncio, afastando-se de tais recursos plautinos, aspiraria à criação de uma comédia apurada ao se furtar ao uso de semelhante humor¹³ e privilegiar um realismo estilizado em suas peças (Duckworth, 1952: 137). Para Wright (1974: 148-151), um traço que bem distinguiria o método plautino de composição seria o recurso de afastar sua audiência e seus personagens da trama e das convenções do gênero (das quais suas peças, entretanto, dependem)¹⁴, já Terêncio, entretanto, favoreceria a caracterização dos personagens e a verossimilhança, preservando a ficcionalidade ao não distanciar os personagens da trama das peças¹⁵.

¹⁰ Reiteradamente o comediógrafo assinala sua intenção de compor comédias a despeito das críticas dos rivais e sempre requisitando a benevolência do público para julgar seu talento.

¹¹ No prólogo da peça *Heautontimorumenos*, o termo *ars* se refere ao resultado da dedicação de Terêncio a seu ofício (*ad studium musicum*).

¹² Conte (1994: 94), estudioso que valoriza a imitação criativa dos autores romanos perante os modelos gregos, transparece a imagem de um Terêncio que, no desígnio de explorar os atributos humanos e psicológicos retratados em suas peças, teria aceitado as convenções sem despendar esforços no sentido de uma maior originalidade: ao exaltar a ilusão dramática, a ação de suas peças não permitiria desenvolvimentos de recursos hoje comumente denominados como “metateatro”. O juízo comum sobre a estética terenciana, nesse quesito, afirma-se de tal modo como se a sobriedade do atribuído estilo refinado a Terêncio implicasse o despojamento de ironias, de paródias às convenções do gênero, e de comicidade, que, se comparada à plautina, pareceria esmaecida e sem vigor (*vis comica*).

¹³ Trata-se do humor plautino, repleto de bufonarias e elementos farsescos.

¹⁴ Ou como Slater (2000: 3) coloca acerca do teatro de Plauto: “os textos em si às vezes parecem areia movediça diante de nossos pés (“the texts themselves sometimes seem to be quicksand beneath our feet.”).

¹⁵ Segundo Knorr (2007: 173), Terêncio evitaria a quebra da ilusão dramática por meio de comentários metateatrais e, nesse sentido, a metateatralidade presente em suas peças, quando comparada à plautina, seria mais sutil e “realista”, asserção de que se vale Manuwald (2011: 247-

Ao passo que Plauto posiciona seu acento cômico no ludíbrio, precisamente no prazer do escravo que consegue enganar seu velho amo (e minimiza a importância do reconhecimento e do possível final feliz resultante), reflete Anderson (2002: 3), Terêncio enfatizaria os constrangimentos emocionais desenvolvidos durante o período em que os personagens estariam na obscuridade aflitiva do desconhecimento e desconfiados daqueles que tentariam mantê-los nela. Tais considerações tentam explicar o sucesso que Plauto teria tido com o público de sua época, reconhecimento tradicionalmente pensado como sendo maior que o obtido por Terêncio. Já Parker (1986: 592) oferece seu singular veredicto de que Terêncio teria sido não apenas um comediógrafo de sucesso, e sim o mais bem sucedido de sua geração e da precedente (inclusive Plauto): talvez o escritor de maior sucesso da *palliata* enquanto o gênero perdurou em Roma.

Se, por um lado, a exuberância de bufonarias, de situações que beiram o absurdo, de gracejos e grecismos nas falas dos personagens de Plauto amplia o humor de suas peças, por outro lado, em Terêncio, entretanto, seriam privilegiados os recursos lexicais¹⁶ (considerados “refinamentos”, abundantes também, porém de maneiras distintas em Plauto) de modo a proporcionar nuances e sutilezas no delineamento do caráter de seus personagens¹⁷. Entretanto, segundo Brown (2007: 175), alguns estudiosos vêm notando também a vivacidade com que Terêncio lida com a ação em cena. Walther Ludwig, por exemplo, em 1968, já elencava, dentre as alterações feitas por Terêncio em suas peças, uma tendência no sentido de utilizar elementos visuais mais ricos, enredos mais vivazes¹⁸, e de aprimorar recursos relativos às artes cênicas (“stage business”), o que resultaria num aumento do efeito emotivo ou

8) para dizer que, malgrado a redução do “metateatro”, isso não implica que esse esteja ausente da obra terenciana.

¹⁶ Wilner (1930: 71) observa como algumas reiteraões podem contribuir para caracterização (também cômica) dos personagens e ampliar o risível: em *Heautontimorumenos*, nas falas de Cremes (objeto de nossa análise), quando esse personagem se faz de moralista e admoestador, contradizendo seu caráter e modos de agir, são recorrentes os empregos das formas do verbo *monere* (aconselhar): *moneam* (*Heaut.* 58), *monere* (*Heaut.* 169), *monitore* (*Heaut.* 171) dentre outras.

¹⁷ Segundo Henry, G. e Kenneth, G. (1915: 97-98), mesmo havendo uma limitação no acervo de personagens destinados à Comédia Nova, Terêncio a supera com sua técnica de composição dos personagens, matizando os tipos ao flertar com suas características e fugir à tipificação.

¹⁸ Levin (1967: 301- 305) atenta para o recurso terenciano de dupla-trama (“double-plot”): uma conquista artística de inquestionável contribuição, observada desde Donato aos dias atuais. Semelhante recurso (observado em *Heautontimorumenos*, *Eunuchus*, *Phormio* e *Adelpoe*) consistiria na imbricação (e nos decorrentes: contrastes, paralelos e imbróglis) da trama de casamento (“marriage-plot”) e a de amasiamento (“liaison-plot”).

de suspense¹⁹. Exemplos de elementos visuais mais ricos são as conversões de monólogos em diálogos, de simples monólogos em declarações em voz alta e a criação de cenas com mais de três personagens falantes, amiúde oferecendo oportunidades de espreitamento (“eavesdropping”) e, portanto, ampliando a comicidade ou o efeito patético da situação²⁰.

Embora o prólogo de *Heautontimorumenos* não seja objeto da atenção do presente estudo, alguns aspectos concernentes à elaboração dos prólogos de suas comédias, conforme apontam pesquisas sobre o autor, são pertinentes à análise que aqui se pretende adotar. Por exemplo, Goldberg (1986: 32) assinala que Terêncio teria estruturado seus prólogos valendo-se de recursos suasórios da retórica forense²¹, infundindo neles um novo senso de dignidade da arte poética do drama. Bem observou Sharrock (2009: 93) que os prólogos terencianos – objetivando arrebatá-la a platéia para o mundo da peça, bem como lhes prescrever como perscrutar a convenção e a diferença, a alusão e a intertextualidade – seriam seis meditações acerca do significado de se escrever uma comédia *palliata* na Roma de 160 a.C.

A leitura do papel de Cremes no *Heautontimorumenos* terenciano a que me proponho tenderá a levar em conta tais aspectos apreensíveis na composição das partes iniciais da obra de nosso poeta, tomadas, portanto, como programáticas.²²

¹⁹ Para Frank (1928: 313-322), o emprego do prólogo narrativo aspiraria à ironia dramática ao proporcionar de antemão a solução da trama à audiência. Reduzindo-o (sem a supressão da ironia dramática), conclui o estudioso, peça alguma anterior às de Terêncio lançou em total suspense a audiência, forçada, portanto, a reter em mente os detalhes até o deslindar da trama.

²⁰ Sharrock (2009: 286-287) tece interessantes considerações sobre a estrutura de *Heautontimorumenos*: trata-se de uma peça de dupla trama (“double-plotted”), com duas partes equilibradas. Os pais brilhantemente permutam seus papéis, de severo e indulgente; o escravo trama: uma fórmula adequada para uma grande elaboração. Um tipo preciso de final coloca tudo em seus lugares, entretanto, nos momentos finais, Cremes, o “sábio conselheiro” que se tornou um pai irritado, subitamente, sem precedentes, insiste para que seu filho se case caso deseje que sua falta, seu envolvimento com uma meretriz, seja perdoada.

²¹ Goldberg (1983: 206) atenta para uma significativa contribuição de Terêncio: na adaptação de técnicas oratórias aos requisitos dramáticos, Terêncio efetuou mudanças em ambos, o drama e a oratória, e criou um papel (“role”) para si mesmo não somente na história do drama, como também na evolução do estilo de prosa (“prose style”) de Catão a Cícero. Elementos retóricos dos prólogos terencianos vem sendo notados há tempos: conforme o comentário de Donato ao segundo prólogo preservado de *Hecyra*: “com muita arte foi escrito este prólogo e com assaz oratória” (*magna arte hic prologus scriptus est et nimis oratorie*, cf. Wessner 1962: 195).

²² Para Sharrock (2009: 63), não obstante em seus prólogos Terêncio tenha, ou não, realmente argumentado contra adversários, o que se sobrepõe neles é a maneira cômica de se compor um enunciado programático. Uma vez que se principia peça após peça empregando termos e argumentos, no geral, semelhantes, é razoável supor que esse tipo de expressão seja um tipo de chiste bem sucedido, i. e., uma fórmula de sucesso e, destarte, amiúde repetida.

2 – O *Heautontimorumenos* de Terêncio

2.1 – Resumo da peça

Heautontimorumenos apresenta uma trama um tanto complexa, repleta de consecutivas tentativas de engano e “verdades” que se desmentem parcialmente. Desse modo, apresentamos abaixo, uma tentativa de resumir, brevemente, em linhas gerais, as tramóias e outros temas envolvidos.

A peça se enceta com uma discussão sobre o comportamento social (*Heaut.* 53-92) e familiar (*Heaut.* 93-158) de Menedemo, um velho (*senex*) que antes agira como um pai rígido (*pater durus*), e agora, arrependido, autoflagela-se com o conseqüente afastamento do filho único, Clínia. Este, de súbito retorno, sem notificar o pai, planeja rever sua amada Antífila. Seu amigo Clítifo, filho de Cremes, tem, por sua vez, como amante a meretriz Báquide.

O escravo (*seruus*) Siro, entretanto, aproveita-se do ensejo e decide facilitar também o romance entre Báquide e Clítifo, e, por meio de um ardil, planeja inverter os papéis: fingir que Clínia (filho do pai arrependido e agora benevolente) seria amante de Báquide e que Antífila (a verdadeira amante de Clínia) seria uma escrava daquela (*Heaut.* 332-36). Dessa forma, as moças ficariam disponíveis aos jovens na casa de Cremes.

Os jovens participam de um banquete oferecido por Cremes, que, incontinente, revela os detalhes a Menedemo: Antífila, tomada pela cortesã (*meretrix*) Báquide, conspirou-se na vida fácil. Assim, se o *senex* uma vez proibiu o relacionamento de seu filho com uma jovem não-cidadã e comportada, agora os requintes da jovem são suficientes para dilapidar em pouco tempo todos os bens de Menedemo (*Heaut.* 443-64).

Cremes, então, propõe dois ardis para solução do caso: a) Menedemo fingiria nada saber e proporcionaria indiretamente, aquiescente do golpe que um *seruus* lhe aplicaria, pequenas somas ao jovem perdulário (*Heaut.* 466-89); b) Siro teria total liberdade de auxiliar Clínia no ludíbrio de Menedemo (*Heaut.* 533-46). Cremes ignora, entretanto, que ele próprio é o primeiro e único fito do *seruus* Siro, cujo intento é enganá-lo e, enfim, o consegue se valendo, no entanto, da verdade (*Heaut.* 709-12).

Tal verdade provém de um reconhecimento surpreendente a certa altura da peça: Antífila se revela a filha abandonada por Cremes e sua esposa (*Heaut.* 626-30). O escravo Siro antes já havia elucidado a Cremes seu plano, que consistia em duas mentiras: a invenção não apenas de um suposto passado para Antífila como também de um débito que ela teria junto à meretriz Báquide (*Heaut.* 598-612).

Siro retoma o assunto e o faz de sorte que consegue tanto convencer o *senex* de que tudo era verdade, valendo-se do paralelo de sua invenção com o desenvolvimento dos acontecimentos, quanto fazer com que ele consinta pagar a dívida – que Cremes pensa, portanto, não ser fictícia (*Heaut.* 790-804).

Apenas no último ato, Cremes se descobre vítima da trapaça (*Heaut.* 915-18), coíbe as atitudes do filho (*Heaut.* 928-31) e do escravo (*Heaut.* 950-54) e revida com um embuste: finge oferecer todos seus bens como dote ao casamento da filha (*Heaut.* 940-46), para impelir Clítifo a se redimir e a suplicar pelo perdão paterno. Siro, apercebendo-se do plano de seu velho amo, incute uma dúvida em Clítifo atinente à sua paternidade (*Heaut.* 985-1002), ao passo que este recorre às súplicas (*Heaut.* 1024-32) e finalmente se reconcilia com Cremes (*Heaut.* 1054-59).

2.1 – A peça e o papel do personagem Cremes

No prólogo de *Heautontimorumenos*, o enunciador intercede de modo a conquistar a atenção do público em versos que funcionariam como uma *captatio benevolentiae*²³:

*adeste aequo animo, date potestatem mihi
statariam agere ut liceat per silentium,
ne semper servo' currens, iratus senex,
edax parasitu', sycophanta autem impudens,
avaru' leno adsidue agendi sint seni
clamore summo, cum labore maxumo.
mea causa causam hanc iustam esse animum inducite,
ut aliqua pars labori' minuatur mihi.
nam nunc novas qui scribunt nil parcunt seni:
siquae laboriosast, ad me curritur;
si lenis est, ad alium defertur gregem.
in hac est pura oratio. experimini
in utramque partem ingenium quid possit meum.
(Heaut. 35-47).*

Tende um ânimo equânime, concedei-me a oportunidade de essa peça mais estática (*stataria*) encenar como convém: em silêncio. Que nem sempre um velho tenha de encenar incessantemente, sob extremo clamor, e com uma imensa labuta, um escravo apressado, um velho irado, um parasita voraz, ou mesmo um vigarista atrevido ou um cafetão sovina. Tende em mente que minha causa é uma causa justa, a fim de minimizar parte de minha labuta. Pois em nada poupam um velho os que escrevem peças novas: se são trabalhosas, acorrem a mim; se são tranqüilas, confiam-nas a outra trupe. Nessa o discurso é puro. Provai do que minha destreza é capaz em ambos os papéis.

Como vemos nos versos do prólogo acima transcritos, *Heautontimorumenos* obteve de Terêncio a qualificação de *stataria*, i. e., peça em que haveria uma proeminência das falas e dos diálogos em detrimento das ações que caracterizariam, ao contrário, as peças *motoriae*²⁴. Tal aspecto sugere uma maior atenção não apenas à

²³ Muitas peças de Roma antiga começam solicitando explicitamente atenção, algumas gracejam com as dificuldades de se acalmar uma audiência. Destarte, lançam mão sutilmente de sua persuasiva postura “didática”: a de ensinar ao público o adequado comportamento de uma audiência de comédia. Tal procedimento, afirma Sharrock (2009: 23), faz parte da *captatio benevolentiae*: nesta, sim, consistiria a dissimulada “instrução” à audiência, i. e., ensinar o público que ele deve atentar, de modo benevolente, à comédia em cena.

²⁴ Segundo Gilula (1989:102-4), aventuraram-se tanto o autor quanto o ator neste empreendimento. Isso porque, a julgar pelas demais peças, Terêncio não teria repetido semelhante experiência: Élio Donato, em seu *Commentarii Terentii*, considera, tirante *Heautontimorumenos*, *mixtae* (mistas) as demais peças do comediógrafo, sendo-lhe *Phormio* a mais puramente *motoria* (permeadas de movimentos em cena) e *Eunuchus* e *Adelphoe*

composição dos personagens e ao emprego de elementos verbais na caracterização desses, como também aos diálogos entre os personagens e sua respectiva implicação para o desenvolvimento da peça e de sua comicidade. Tendo em mente tais postulados, seria pertinente uma análise das falas do personagem de maior destaque, i. e. Cremes.

Terêncio teria concentrado a veia cômica (*vis comica*) da peça no personagem Cremes. Em consonância com outros estudiosos²⁵, Brown (2006: 96), propõe-se que o personagem central explorado não seria o do velho (*senex*) Menedemo, a cujos antecedentes se refere o nome da peça, mas seu vizinho, o *senex* Cremes. Como aponta Dumont (1991: 5), não obstante a atitude espantosa de Menedemo confira o título à peça, ele está longe de ser o personagem principal, estando presente somente em seis das vinte e duas cenas da comédia. Normalmente, o protagonista deveria ser o escravo que faz a trama se desenrolar. Contudo, em *Heautontimorumenos*, presente em doze cenas, proferindo cerca de 32% dos versos, o escravo Siro goza de um papel importante, mas não o principal: antecede-o, nesse quesito, seu amo Cremes, protagonista de quatorze cenas e que enuncia parcial ou totalmente 42% dos versos.

Knorr (1995: 226), referindo-se ao discurso de outro personagem da peça em apreço, tece observações que ilustrariam os princípios da metodologia aqui adotada: amiúde, em Terêncio, um ou mais personagens transmitem seu limitado conhecimento pessoal dos eventos precedentes à audiência. A caracterização de um personagem (presente, por exemplo, num relato) é geralmente distorcida por preconceitos e mal-entendidos expressos pelo enunciador e ou interpretados erroneamente por outro personagem. No decorrer na peça, informações adicionais suprimem e suplantam as anteriores, produzindo a ironia dramática.

Destarte, o procedimento a ser adotado será o de analisar minuciosamente as falas do personagem Cremes, bem como as referências e opiniões dos demais personagens no decorrer da peça concernentes ao seu modo do personagem. Observando, sobretudo, o texto latino, procuraremos averiguar de que modo os recursos e efeitos apontados acima se aplicam também às falas do personagem Cremes e aos enunciados que sobre ele versam.

predominantemente *motoriae*. O ator que enuncia o prólogo se manifesta contra as assíduas solicitações de outros escritores, que pediam a ele que interpretasse papéis ágeis e pantomímicos, possivelmente agradecendo o ensejo de encenar um papel calmo num peça *stataria* (*Heaut.* 43-5).

²⁵ Cf. também Castillo (1986: 126) e Brothers (1998: 18-19).

3 – A *persona* de Cremes nos atos da peça

3.1 - Ato I: um *senex* admoestador e partidário da boa conduta

O primeiro ato se enceta com o velho (*senex*) Cremes interpelando seu vizinho Menedemo, também um *senex*, sobre sua incôgrua conduta. Principia aquele seu discurso da seguinte forma:

*Quamquam haec inter nos nuper notitia admodumst
(inde adeo quod agrum in proxumo hic mercatus es)
nec rei fere sane amplius quicquam fuit,
tamen vel virtus tua me vel vicinitas,
quod ego in propinqua parte amicitiae puto,
facit ut te audacter moneam et familiariter
quod mihi videre praeter aetatem tuam
facere et praeter quam res te adhortatur tua.
(Heaut. 53- 60)*

Embora seja recente o trato entre nós (desde quando um campo compraste nas cercanias) e nem houve contato algum além daquele de costume, porém tanto o teu valor quanto a nossa vizinhança, o que eu considero algo próximo de uma amizade, fazem com que eu te aconselhe com resolução e com familiaridade, porque me parecees fazer algo que excede o recomendável à tua idade e ao teu patrimônio.

Cremes então perquire o motivo da auto-penitência de Menedemo, que se esfalfa, qual um escravo, em sua propriedade, posto que “ninguém, nessa região, possui uma fazenda melhor, nem de mais valor” (*agrum in his regionibus / meliorem neque preti maioris nemo habet*, *Heaut.* 63-4). Desde os versos iniciais deste ato, Cremes lança mão de recursos retóricos e circunloquções. Como, bem observou Karakasis (2002: 248-52), é valendo-se dos apelos à relação de vizinhança (*vicinitas*, *Heaut.* 56) e de amizade, (*amicitiae*, *Heaut.* 57), bem como ao bom caráter (*virtus tua* *Heaut.* 56) de Menedemo, que Cremes se dá o direito de tecer comentários e prescrever conselhos com ousadia e familiaridade (*audacter ... familiariter*, *Heaut.* 58), evitando evidenciar qualquer intenção de bisbilhotice²⁶. Dessa forma, ressalta

²⁶ Argumenta Karakasis (2002: 248) que Menedemo e Cremes são, em suma, estranhos um ao outro, haja vista as afirmações do último atinentes ao relacionamento entre ambos (*Heaut.* 53-55). Cremes, no entanto, não hesita em invadir a propriedade de Menedemo numa atitude repreensível de bisbilhotice (*πολυπραγμοσύνη* à época de Menandro). Isso porque, segundo os costumes gregos, aponta Karakasis, convém à família evitar não somente a intrusão física

Karakasis (2002: 248-9), aos olhos do público romano, à primeira vista o personagem não seria inculcado de inveja (*invidia*) e de malquerença (*malevolentia*)²⁷, aspectos que, no quadro de valores romanos da época, caracterizariam uma típica atitude intromissiva²⁸. Como Karakasis (2002), Grimal (1979) e também Jocelyn (1973), com diferentes implicações, observam reiteradas alusões a noções filosóficas na fala do personagem Cremes²⁹. Entre outros aspectos, Grimal (1979: 181) destaca, por exemplo, a referência aristotélica, segundo a qual apreendemos que ninguém deliberadamente causa dano a si mesmo (Aristóteles *Nic. Eth.* IV, 2, 1121a e ss.). Menedemo flagela a si mesmo sendo injusto consigo, consome seu ânimo ao se expor a fadigas não adequadas à sua idade, bem como anula seu ser social ao abrir mão de seu *status*, vendendo seus escravos, sua casa na cidade, e se confinando em um lugar afastado no campo. Sobre o porquê de agir de semelhante maneira Cremes questiona Menedemo, pois, segundo aquele: “se estiver correto, que eu faça o mesmo, do contrário, que eu te dissuada.” (*rectumst ego ut faciam; non est te ut deterream. Heaut.* 79). Mas, até que ponto a postura de Cremes advogada por Grimal

(roubo, depredação) na propriedade (*oikos*), como também a subjetiva (nos assuntos privados e familiares).

²⁷ Cremes faz observações concernentes às posses de Menedemo, o que, num contexto de valores romanos do período terenciano, poderia implicar uma acusação de *invidia* e *malevolentia*. Assim sendo, Cremes recorre às noções de *virtus* e *vicinitas* para justificar sua imprudência (Karakasis, 2002: 249).

²⁸ Karakasis (2002:248-54) busca aferir o valor dos termos supracitados no âmbito de valores gregos e romanos considerando os contextos em que se deram as peças da Comédia Nova: primeiramente as de Menandro, que viveu na Grécia do séc. IV a. C. e, na sequência, a obra de Terêncio (Roma do séc. II a. C.), elaborada a partir daquela. Atente-se para o esclarecimento no prólogo: “hoje vou encenar *Heautontimorumenos*, uma comédia inédita elaborada a partir de uma desconhecida grega” (*ex integra Graeca integram comoediam / hodie sum acturus Heautontimorumenon, Heaut.* 4-5). Karakasis recorre às seguintes observações de Aristóteles: a) os vizinhos seriam também amigos (*φίλοι*) (*E.N.* 1166a 1); b) a amizade resultaria de uma relação de confiança conquistada por meio da convivência e não só da intenção (*E.N.* 1158a 8-10); c) a importância da integridade (*virtus*) na amizade (*φιλία*): os amigos deveriam ser boas pessoas, semelhantes na virtude (*E.N.* 1155a 7-8). O estudioso também apresenta o parecer de Cícero sobre a amizade em geral: os homens seriam inclinados a uma espécie de sociabilidade (*inter omnes esset societas quaedam*) de modo a ser maior o relacionamento entre os próximos (*Amic.* 5. 19); os bons e os sábios seriam amigos uns dos outros devido a uma inextricável atração natural, numa espécie de corrente em que um homem é virtuoso ao outro (*N. D.* 1. 121).

²⁹ Grimal (1979: 178-181), divisa as reiteradas alusões a noções do peripatetismo na fala de Cremes. Tanto este quanto Menedemo, ainda que se demonstrem severos, têm em comum o desejo de proteger seus filhos, i. e. sua linhagem, da mendicância que os destituiria da cidadania, haja vista que, dentro da perspectiva ateniense (que seria aquela propagada por Aristóteles em *Nic. Eth.* IV, 1, 1190b e ss. e, logo, estaria implícita na peça menandriana), o patrimônio é parte integrante da pessoa enquanto cidadão e homem livre. O problema central consistiria em assegurar um meio termo (“*médiéité*”) e, portanto, o interesse de Cremes em salvar o ser social (“*être social*”) de Menedemo.

- i. e., a de um *senex* admoestador e partidário de uma boa conduta - seria tomada a sério pelo público terenciano?

No entanto, após enumerar associações filosóficas à fala de Cremes, Karakasis sugere que Cremes aludiria a noções como tais de maneira, entretanto, cômica: isso porque, conquanto seja um campônio, o personagem põe-se a filosofar inquirindo, questionando e conceituando³⁰. Cremes indaga: “acaso convém a qualquer um dos homens **se autoflagelar?**” (*an quouquamst usus homini se ut cruciet? Heaut. 81, grifos meus*). Observarmos a primeira ocorrência do verbo *cruciare* “crucificar-se” no texto da peça em estudo, um possível equivalente latino ao particípio médio-passivo do verbo *timorumenos*: aquele que toma para si o encargo de se vingar de alguém (*τιμωροῦμαι*, particípio presente *τιμωροῦμενος*, cf. *G.E.L. *τιμωρέω*). Cremes, julgando inútil e excessiva a lida de Menedemo, velho e abastado, conclui: “não te dedicas tempo algum nem **te observas**” (*nullum remittis tempus neque te respicis, Heaut. 70, grifos meus*)³¹. Quando Cremes persuade Menedemo a revelar o porquê de seu autoflagelamento, isso não impede que este insinue, em tom de galhofa: “Cremes, tamanho é o ócio advindo de teus assuntos para te ocupares dos alheios que em nada te concernem?” (*Chreme, tantumne ab re tuast oti tibi / aliena ut cures ea quae nil ad te attinent? Heaut. 75-6*). É a esse enunciado um tanto irônico que Cremes replica: “sou

³⁰ As fontes indicadas por Karakasis no estudo dos valores sociais gregos e romanos em pauta no *Heautontimorumenos* são oriundas de épocas, respectivamente, anterior e posterior à da composição da peça em estudo (século II a. C.). No século posterior, Cícero (*Off.* 1 34. 122) prescreverá determinadas atividades para cada idade: aos velhos (*senex*) recomenda-se o lazer e o *otium*: bonificação natural às pessoas na faixa dos cinquenta anos. Tal opinião será no primeiro século de nossa era também compartilhada por Sêneca (*De Brevitate Vitae* 3.5 e 20.5). Relatados os transtornos advindos da paixão desenfreada do filho, Menedemo comenta: “nada disso acontece de tal forma senão em razão do excesso de ócio. Eu na juventude não dava atenção às paixões, mas sim, devido à paupérie, fui à Ásia e lá granjeei ao mesmo tempo bens e glória com as armas na guerra.” (*nulla adeo ex re istuc fit nisi ex nimio otio. / ego istuc aetatis non amori operam dabam, / sed in Asiam hinc abii propter pauperiem atque ibi / simul rem et gloriam armis belli repperi, Heaut. 109-12*). Este menosprezo pela ociosidade coaduna-se com as considerações sobre a perniciosidade do ócio (sobretudo a dos jovens) expressas por diversos autores romanos: Plínio (*Ep.* 9.32), Cícero (*Planc.* 27.66), Ovídio (*Pont.* 1.5), e outros. Opõe-se ao *otium* o *negotium* (a ocupação), adequado aos jovens (como professa o personagem Menedemo e prescreve Catão o Velho, contemporâneo de Terêncio, em *Ad filium Marcum*): os afazeres os afastariam das paixões dissipadoras, trazendo-lhes recompensas como fama, fortuna e prudência.

³¹ Tempos depois, Sêneca (séc. I d.C.) recomendará àqueles que já conquistaram muito na vida e empregaram-na em diversas tarefas, nos afazeres e nos negócios do cotidiano, a se dedicarem, no *otium* da velhice, a si mesmos de forma a se conhecerem: “Convém a uma mente segura e serena percorrer todos momentos de sua vida; os ânimos dos ocupados, como se estivessem subjugados, não podem se voltar a si nem **se observar**.” (*Securae et quietae mentis est in omnes vitae suae partes discurrere; occupatorum animi, velut sub iugo sint, flectere se ac respicere non possunt. Brev. Vit. 10.10.5, grifo meu*).

homem: nenhum assunto humano julgo alheio a mim” (*homo sum: humani nil a me alienum puto*, *Heaut.* 77)³²: eis como surge, pois, um dos versos mais célebres de Terêncio, citado em contextos e interpretações diversos³³.

Menedemo aos prantos relata: informado da relação do filho com uma órfã e pobre estrangeira (*Heaut.* 96-7), não foi compreensivo, mas intolerante³⁴, reprochando-o diariamente até impeli-lo a ingressar (sem notificar seu pai) no exército para lutar na Ásia (*in Asiam ad regem militatum abiit*, *Heaut.* 117). Ao adotar tal atitude, o filho agiu da mesma forma como recomendava Menedemo. Privado agora daquele, o pai julga-se indigno de usufruir dos confortos, uma vez que relegou o filho aos perigos e às agruras da guerra, e decreta para si uma vida árdua e frugal a fim de paliar seu arrependimento (*Heaut.* 119-150). Cremes então oferece seu veredicto sobre o caso:

*ingenio te esse in liberos leni puto,
et illum obsequentem siquis recte aut commode
tractaret verum nec tu illum satis noveras
nec te ille; hoc qui fit? ubi non vere vivitur.
tu illum numquam ostendisti quanti penderes
nec tibi illest credere ausus quae est aequom patri.
quod si esset factum, haec numquam evenissent tibi.*
(*Heaut.* 151-57).

³² Também quanto ao verso específico, que seria mais tarde expresso em tantos contextos sérios, Jocelyn (1973: 31) observa efeitos humorísticos. Em primeiro lugar, o estudioso aponta que a argumentação de Cremes, nos versos 77-9, não passa de uma réplica defensiva: a *sententia* adapta à situação cômica o modo de um filósofo concluir uma admoestação a um pupilo. Além disso, Jocelyn atenta para uma referência no verso a correntes filosóficas que postulariam que a sociedade, tal como era, teria suas raízes na natureza (*ἡ φύσις*) e não nas leis/costume (*ὁ νόμος*) (cf. Cícero (*Ac.* I 19 e ss.). Intelectuais, como os sofistas, lobrigaram e delineararam sociedades ideais em que terras e mulheres eram de posse comum, bem como a noção de propriedade privada seria apenas um remanescente dos escritos de ferrenhos defensores do *status quo* (*Cic. Off.* I 21, II 73). Esse tipo de sociedade comunista idealizada *avant la lettre* propiciou um esplêndido material para a agudeza pragmática dos comediantes. Dessa forma, o personagem terenciano Cremes, reclamando o direito de estudar o comportamento de todos nas proximidades e de opinar sobre a *res* e as *negotia* de todos, não estaria, segundo Jocelyn (1973: 32), muito distante de personagens cômicos, como Cremes e Blêpiro que, n’*A revolução das Mulheres* (do poeta grego Aristófanes, datada do século IV a.C.) discutem sobre o prospecto de compartilhar a posse de todas as roupas, da comida e de todas mulheres de Atenas (*Ar. Eccl.* 535 e ss.).

³³ Cf. Jocelyn (1983).

³⁴ “Quando me inteirei do caso, comecei a agir não humanamente, **nem como se deve tratar um ânimo** enfermo de um juvenzinho, mas com violência e pelo **meio usual dos pais.**” (*ubi rem rescivi, coepi non humanitus / neque ut animum decuit aegrotum adolescentuli / tractare, sed vi et via pervolgata patrum*, *Heaut.* 99-101, grifo meu). Menedemo salienta que, enraivecido, não agiu de acordo com o que consideraria adequado, nem mesmo segundo seu costumeiro modo de agir: podemos inferir que o personagem seguiu um modelo presente no repertório do gênero dramático da Comédia Nova ao se referir à reação comum de velhos rígidos (*senes duri*) nas comédias ao descobrir os casos de amor furtivos dos filhos.

Julgo que tens uma disposição indulgente no que condiz aos filhos, e que ele seria obediente se o tratasses de acordo e corretamente. De fato, nem tu o conhecias bastante, nem ele a ti. Como isso ocorre? Quando não se vive com franqueza. Tu nunca lhe demonstraste o quanto o estimas, nem ele te ousou revelar o que conviria revelar a um pai. Porque, se assim tivesse acontecido, isso nunca sobreviria a ti³⁵.

Expressa Cremes seu desejo de que tudo se resolva (*Heaut.* 159-160) e, de súbito, dá uma guinada na conversa convidando o vizinho a participar de um banquete em sua residência naquele dia festo³⁶ (*Heaut.* 162). Porém, diante da recusa de Menedemo, Cremes não insiste em dissuadi-lo³⁷, deixando-o retornar à labuta, dizendo a si mesmo ter-se comovido com a situação (“arrancou-me lágrimas”, *lacrumas excussi mihi*, *Heaut.* 167), mas se preocupando, logo em seguida, com os preparativos do banquete (*Heaut.* 168-173).

Na próxima cena do mesmo ato, encontra-se nada menos do que o referido filho de Menedemo: Clínia. Recém chegado às escondidas do pai, ele está a conversar com Clítifo, filho de Cremes (*Heaut.* 175-177). Clítifo convence o pai, ávido por inteirar o vizinho da boa notícia, a manter segredo, e lhe expõe o temor de Clínia: de que fosse maior ainda a fúria paterna depois de seu desaparecimento não comunicado. Ainda que tivesse em mente o diálogo travado anteriormente com seu vizinho, Cremes se detém e considera mais útil (*utile*, *Heaut.* 199) não revelar a situação, a fim de manter Clínia apreensivo, isso porque, uma vez que desinformado, o jovem filho de Menedemo ficaria suscetível à influência paterna.

³⁵ Jocelyn (1973: 26): a expressão *uere uiuitur* não seria necessariamente uma novidade à audiência de Terêncio, mas lhes teria chamado a atenção por seu valor filosófico (*uerus* estaria entre os termos amiúde associados ao processo de percepção, conhecimento, raciocínio e expressão inclusive em doutrinas do âmbito da filosofia moral, que tentavam assemelhar a atividade de viver à de pensar).

³⁶ Trata-se das dionisiacas, festas em louvor ao deus Dioniso (ou Baco para os romanos), especificamente a dionisiaca rural, celebrada no mês de dezembro nos distritos campais da Ática, local onde se desenrola o enredo da peça, cf. Brothers (1998).

³⁷ Depois de convidar Menedemo para as dionisiacas e mediante sua recusa, Cremes lhe diz: “peço-te, enfim, que te poupes um pouquinho, da mesma forma, teu filho ausente deseja que faças o mesmo” (*quaeso tandem aliquantulum / tibi parce: idem absens facere te hoc volt filius*, *Heaut.* 163-64). Atente-se para o contraste entre a brevidade da resposta e insistência inicial de Cremes em saber o que se passa com Menedemo. Vem à memória o fato de que à recusa de Menedemo em explicar o porquê de semelhante comportamento, Cremes persistira: primeiro questionou se haveria motivos para um homem se flagelar de tal maneira (*Heaut.* 81), depois perguntou se teria havido alguma falta tão grave para tamanha punição (*Heaut.* 82-83), e, ao final, convenceu Menedemo a contar-lhe tudo ao prometer-lhe: “vou te ajudar tanto consolando, como aconselhando e até mesmo provendo” (*aut consolando aut consilio aut re iuvero* *Heaut.* 86).

Como observa Jocelyn (1973: 25-28), com base na tipologia de Teofrasto, caso Cremes, nas cenas iniciais, não se apresentasse como um pragmático (*χρηστός*), ou então como um filantropo (*φιλόανθρωπος*), seria tomado por um filósofo (*φιλόσοφος*), (isso não só tendo em vista os versos 77-9, como também outras de suas formulações no decorrer dos próximos atos da peça). Mas tal assunção estaria longe de ser positiva, segundo Jocelyn (1973: 27) que observa: não apenas haveria algo de galhofeiro e de incôngruo em um velho agricultor do campo professar sentenças filosóficas; ainda que o termo *philosophus* não apareça no texto da peça, seria significativo na caracterização de Cremes, pois, como lembra o estudioso, em alguns dramas republicanos (em Plauto: *Rud.* 986, *Bacch.* 122, *Pseud.* 465; e em Terêncio: *Andr.* 57 e *Eun.* 263), *philosophus* também seria uma designação depreciativa e oprobriosa. No contexto cômico da *palliata*, o termo era aplicado aos trapaceiros que, por meio de sua lábia, postulavam asserções paradoxais sobre a realidade e ofertavam conselhos inúteis, do ponto de vista prático, em contraposição aos de um *sapiens*, homem de bom senso e exemplar conduta.

Paulatinamente vai-se, pois, desvelando a personalidade atabalhoada e ingênua do personagem cômico Cremes. A leitura de Jocelyn o sublinha mais uma vez: já nas cenas consecutivas à da abertura, Cremes se revela não uma pessoa simpática, mas um sujeito que, à época dos atenienses dos tempos de Menandro, seria tachado de bisbilhoteiro irrequieto/atabalhado (*πολυπράγμων*) ou ultra-diligente enxerido (*περίεργος*)³⁸, e os romanos dos dias de Terêncio considerá-lo-iam um *curiosus*.

³⁸ Jocelyn remete a categorias sobre as quais discorre Teofrasto, sucessor do peripatetismo, de quem Menandro se considerava seguidor (cf. Zeyl (1997), *Encyclopedia of classical philosophy*. Westport: Greenwood Press, p. 552). Em seu livro *Characteres* (*Χαρακτήρες*), o *περίεργος* é definido como um apressurado diligente íncio de seus limites, que, bem intencionado, se engaja em coisas sem conseguir executá-las, ofertando aos demais sempre mais do que o necessário, intrometendo-se em assuntos que não lhe concernem, precipitando seus companheiros em direções que efetivamente não conhece, e que também amiúde redargui às restrições com “um pouco não faz mal” e às tarefas que urgem ser feitas com um “já fiz isso várias vezes”. Quanto ao outro tipo referido por Jocelyn, segundo Teofrasto, o *πολυπράγμων*: longe de ser um hiperativo, é uma pessoa que age sem moderação, tal como o *περίεργος*. Cf. Bennett e Hammond (1902: 14-15).

3.2 – Ato II: Cremes na perspectiva dos demais personagens

Embora não apareça no segundo ato da peça (*Heaut.* 213-409), Cremes não se exime, entretanto, dos comentários dos demais personagens acerca de seu comportamento e caráter. No cotejo das observações dos jovens (*adulescentes*) com as do próprio *senex* e com o comportamento deste, evidencia-se o modo como se enfoca na peça a *sapientia* de Cremes. Esse ato se inicia com um monólogo (*Heaut.* 213-229), em que são expostas as reclamações de Clítifo, filho de Cremes, sobre a repressiva educação paterna:

*Quam iniqui sunt patres in omnis adulescentis iudices!
qui aequom esse censent nos a pueris ilico nasci senes
neque illarum adfinis esse rerum quas fert adulescentia.
ex sua lubidine moderantur nunc quae est, non quae olim fuit.
mihin si umquam filius erit, ne ille facili me utetur patre;
nam et cognoscendi et ignoscendi dabitur peccati locus:
non ut meus, qui mihi per alium ostendit suam sententiam.
perii! is mi, ubi adbibit plus paullo, sua quae narrat facinora!
nunc ait “periculum ex aliis facito tibi quod ex usu siet”:
astutus. ne ille haud scit quam mihi nunc surdo narret fabulam.
(*Heaut.* 213-22)*

Quão injustos são os pais como juízes na causa dos jovens! Julgam ser correto nascermos velhos desde garotos e não sermos inclinados às coisas que traz consigo a juventude. Moderam-nos segundo sua libido tal como é agora e não como ela o era antes. Se um dia eu tiver um filho, decerto me terá por um pai flexível, pois se haverá oportunidade para o conhecimento e a remissão das faltas: não como o meu, que por meio de outrem me demonstra o seu ponto de vista. Estou perdido! Quando bebe um pouco mais, ele me narra suas façanhas! Agora vem dizer “faz dos males alheios algo de útil para ti!”. Sabichão: ele nem sabe o quão surdo fico quando me conta uma história.

Os pais seriam “juízes injustos” (*iniqui...iudices*, *Heaut.* 213), imêmorens da libido e dos anseios da juventude ao lhes exigir prudência e comedimento³⁹, características que seriam advindas, todavia, da vivência e da senectude. Na fala acima transcrita, Clítifo⁴⁰ confessa sua surdez diante dos sermões de seu pai (*Heaut.* 222), o qual, no entanto, ignora completamente as aventuras amorosas do filho.

³⁹ A exprobração de Clítifo aos pais seria precisamente contra Cremes, cujo comportamento e caráter embasam sua diatribe.

⁴⁰ Atente-se para certa correspondência entre o método de educação descrito na fala acima como ideal pelo o *adulescens* Clítifo e o que seu pai Cremes prescrevera ao recriminar Menedemo: “**nem tu o conheces o bastante, nem ele a ti**; como isso ocorre? **Quando não se com franqueza.**” (*nec tu illum satis noveras / nec te ille; hoc qui fit? ubi non vere vivitur. Heaut.*

Na cena seguinte, Clínia, filho de Menedemo, de regresso de sua desditosa aventura como combatente em terras inimigas, furtando-se ao encontro com o pai que o apoquentara ao ponto de impeli-lo a deixar o lar, alenta o anseio de reaver sua amada. Encontrando-se com seu amigo Clítifo, ambos enviam seus escravos para informar Antífila de sua chegada. No entanto, Clínia expressa sua inquietação de que, à sua ausência, tivesse sua amada se corrompido (i.e. prostituindo-se: *Heaut.* 230-241). Clínia, conjecturando que seus esforços foram inúteis, exprime seu arrependimento:

Do relato dos escravos de que um cortejo de escravas se aproximaria trazendo consigo apetrechos, roupas e jóia (*Heaut.* 245), Clínia infere que, durante sua ausência, sua amada conspurcava-se e locupletava-se entregando-se a outros amantes (*Heaut.* 257-59)⁴¹. Sua aflição é, todavia, dirimida quando o escravo Siro esclarece que o assunto sobre a opulência em apreço não seria concernente à conversa sobre sua amada, afirmando que a jovem Antífila continuava, pois, apaixonada por Clínia, vivendo na paupérie e de maneira digna, aguardando o retorno do amado. Tal atitude do personagem *adulescens* sem dúvida seria familiar ao público da comédia nova. Henry e Kenneth (1915: 69-71) observaram quanto aos jovens (*adulescentes*) das peças terencianas: precipitação, extravagância, intempérie e paixão caracterizam Clítifo. É uma constante a presença de uma dupla de jovens apaixonados, libertinos, desprovidos de recursos (amiúde apelando às artimanhas dos escravos para angariar fundos), cujas falas se resumem a adorações à amada, a lamentos pelos infortúnios e óbices no relacionamento, e a reclamações quanto à educação paterna repressora.

Decorridos trinta e nove versos, Siro responde à pergunta lançada por Clítifo (“pois quem é a outra?” *quaenamst altera?* *Heaut.* 272): “estamos escoltando tua Báquide” (*adducimus tuam Bacchidem.* *Heaut.* 311). Alterado com a precipitada decisão do próprio escravo de trazer também Báquide à casa de seu pai Cremes, o jovem enumera as possíveis conseqüências desastrosas. Siro, entretanto, delibera: “não se conquista um feito monumental e memorável sem correr riscos” (*non fit sine periculo facinus magnum nec memorabile.* *Heaut.* 314). O *seruus callidus*, então, esclarece seu plano: “fingiremos que tua amante é amante dele [Clínia]” (*adsimulabimus / tuam amicam huius esse amicam.* *Heaut.* 332-33). Clítifo, destarte, poderia gozar da

153-54, grifos meus). Ou seja: o filho defende uma postura paterna leniente que Cremes condena em Menedemo, contudo, a necessidade de se conhecer os filhos é apontada por ambos.

companhia de Báquide. A ela, Siro prometera, em pagamento, uma soma, cujo arrecadamento se daria por meio do estratagema que o escravo forjaria contra Cremes⁴². Com isso, Antífila seria deixada junto da mãe de Clítifo, curioso recurso que o escravo se recusa a explicar: “seria demorado, Clítifo, se eu relatasse a ti o motivo pelo qual farei isso” (*longumst, Clitipho, / si tibi narrem quam ob rem id faciam, Heaut. 335-6*).

⁴² Siro esclarece: “além disso, sei que o estratagema que forjei é confiável e oportuno. Pois assim é possível que **na presença de teu pai** tua amante esteja contigo sem temor. E então o dinheiro que prometeras a ela [Báquide], encontrarei um meio de arranjá-lo antes que tenhas deixado meus ouvidos surdos com tuas chorarias.” (*etsi consilium quod cepi rectum esse et tutum scio. / nam **apud patrem** tua amica tecum sine metu ut sit copia est. / tum quod illi argentum es pollicitus, eadem hac inveniam via, / quod ut efficerem orando surdas iam auris reddideras mihi. Heaut. 327-30, grifos meus*).

3.3 – Ato III: o Cremes matreiro

Desponta no horizonte a aurora (*Heaut.* 410), e, ao início do terceiro ato, Cremes vai ao encontro de Menedemo para narrar o retorno de Clínia. Cremes justifica a si mesmo sua iniciativa de, não obstante o pedido de Clínia pelo segredo de seu retorno, informar Menedemo do ocorrido:

*Verum quom videam miserum hunc tam excruciarier
eius abitu, celem tam insperatum gaudium,
quom illi pericli nil ex indicio siet?*
(*Heaut.* 413-15).

Mas, ao ver aquele infeliz se flagelar tanto à ausência do filho, como lhe vedaria tão inesperado regozijo, quando a revelação não trará risco algum ao filho?

Ainda em solilóquio, Cremes esclarece seguir o exemplo dos jovens: “tal como observo meu filho se devotar ao seu amigo e semelhante e **ser seu parceiro** nos negócios, convém a nós velhos também ajudarmos uns aos outros” (*item ut filium meum amico atque aequali suo / video inservire et socium esse in negotiis, nos quoque senes est aequom senibus obsequi, Heaut.* 417-9, grifos meus)⁴³. Cremes, no entanto, mal desconfia das conotações de suas palavras: acredita que a relação de recíproca amizade, de parceria entre Clínia e Clítifo, seria resultante do convívio, baseado apenas na sinceridade e intimidade. Isso porque o *senex* não suspeita que a sociedade entre os jovens os torna mais do que parceiros: ambos são cúmplices num engodo, uma vez que concordaram que Clínia se passaria por amante de Báquide, a fim de que, na verdade, Clítifo a tivesse junto de si em seu lar.

Conquanto reporte a boa notícia, inteirando Menedemo da presença do filho em seu lar (*Heaut.* 429-32), Cremes procura refrear os ímpetos daquele de reaver o

⁴³ Quanto à função mais comum do escravo nas peças de Plauto, Slater (1985: 177) comenta: os escravos ladinos são os legítimos heróis de suas peças, suas habilidades, tanto literárias quanto de improviso, de elaboradores (*architecti*) de tramas (*argumenta*), possibilitam a realização e efetivação das peças. Outrossim, da tramóia de inversão de papéis idealizada por Siro (*Heaut.* 332-33) resulta o quiproquó: a inversão dos papéis dos jovens (Clítifo seria testemunha do caso amoroso de Clínia, então amante de Báquide, de cujo cortejo de criadas a verdadeira amada daquele, Antífila, por sua vez, faria parte). Cremes é então de tal maneira convencido por semelhante espetáculo, encenado durante o banquete que oferecera em comemoração às dionisiacas, que, doravante, o *senex* parece tomado pela idéia de arquitetar burlas para solucionar os percalços, tal como (e à imagem de) um *adulescens* típico da comédia.

filho a qualquer custo⁴⁴. Para tanto, o *senex* descreve, de modo a demover o imponderado intento do vizinho⁴⁵, o comportamento dispendioso e apurado da jovem Báquide, que estaria se passando por Antífila, amante de Clínia, iniciando-o com o seguinte proêmio: “para que tu saibas com que primor ela agora está instruída em arruinar” (*ut tu scias / quam ea nunc instructa pulchre ad perniciem siet*, *Heaut.* 449-450).

É possível notar, em certas falas de Cremes, sinais de sovinice: a) primeiramente o *senex* atenta para a ostentação da *meretrix* Báquide, tomada por Antífila e amante de Clínia: “conduziu consigo mais de dez criadas carregadas de ouro e vestes” (*ancillas secum adduxit plus decem / oneratas veste atque auro*, *Heaut.* 451-52); b) depois prossegue reportando seus dispêndios durante o banquete: “quanto de vinho me foi consumido degustando” (*pytissando modo mihi / quid vini absum sit*, *Heaut.* 457-58); c) finalmente então, procura acautelar Menedemo quanto à sua hipótese: “além do mais, foi só uma noite. Que futuro calculas para ti com eles amiúde te consumindo?” (*atque haec una nox. / quid te futurum censes quem adsidue exedent?* *Heaut.* 461-62).

Na terceira cena do ato III, entretanto, capitulando diante da insistência de Menedemo, Cremes cogita um meio para que Clínia goze de sua paixão e para que, ao mesmo tempo, Menedemo fique satisfeito tendo-o junto a si. Cremes propõe ao vizinho: “consintas ser ludibriado pelas artimanhas de um escravozinho” (*falli te sinas / techinis per servolum*; *Heaut.* 470), para que, destarte, “por meio de outrem, ofertes a seu filho o que ele quiser” (*per alium quemvis ut des*, *Heaut.* 470). Essa passagem é especialmente importante, se contrastada com o modo como Cremes se expressara no primeiro ato. Note-se que, no terceiro ato, resoluto, Menedemo prefere qualquer coisa a ter o filho longe de si, abrindo mão de seus bens com total indulgência. Cremes primeiro recomenda que seria prudente fazer “qualquer coisa em vez do que estás pensando” (*quidvis potiu' quam quod cogitas*; *Heaut.* 469) e depois sugestiona: “se achas correto proceder dessa forma, acho de vital importância levar isso em conta:

⁴⁴ Menedemo parece transtornado com a ausência do filho ao exclamar: “que ele faça como quiser: compre, esbanje, esgote tudo, aceito padecer disso contanto que eu o tenha comigo.” (*faciat quidlibet: / sumat consumat perdat, decretumst pati, / dum illum modo habeam mecum*, *Heaut.* 464-66).

⁴⁵ Note-se como Cremes reprova a reação de Menedemo: “és demasiado enérgico em ambos casos, Menedemo, tanto na prodigalidade demasiada quanto na parcimônia” (*vehemens in utramque partem, Menedeme, es nimis / aut largitate nimia aut parsimonia*; *Heaut.* 440-41).

que ele não perceba que tu o presenteias estando a par da situação” (*si certumst tibi / sic facere, illud permagni referre arbitror / ut ne scientem sentiat te id sibi dare. Heaut. 466-68, grifos meus*). Agora, segundo o mesmo Cremes que falara em prol da sinceridade entre pai e filho, a dissimulação e o vínculo indireto seriam importantes para remediar um desentendimento entre pai e filho. Destarte, Cremes contradiria seu prévio veredicto (*Heaut. 151-54*). A medida profilática recomendada pelo velho Cremes evitaria uma futura catástrofe, prevista por ele, aos bens de Menedemo. A austeridade paterna, ainda segundo Cremes, seria indispensável para os filhos⁴⁶: numa equação, a excelente conduta de um filho resulta de uma educação rígida somada à intransigência paterna. Mas, além de convencer Menedemo a trapacear, Cremes revelará ainda mais seu lado matreiro na cena a seguir.

Norwood (1963: 124 e 179), observa: existiria na obra terenciana uma espécie de idéia geral de que os seres humanos são incapazes de caminhar corretamente por si mesmos (sendo fadados a errar), e que, haja vista que os outros enxerguem melhor nossos problemas, os conflitos de suas comédias seriam solucionados pela inserção do indivíduo na comunidade e pelo auxílio dos demais. Semelhante observação coaduna-se com a exposta pelo velho Menedemo, que (após ter recebido conselhos de Cremes para aplicar um artil visando a propiciar em porções módicas aquilo que o filho deseja – ou seja: dinheiro – retendo assim o filho junto de si) exclama:

*Ita quaeso: di vostram fidem,
ita comparatam esse hominum naturam omnium
aliena ut melius videant et diiudicent
quam sua! an eo fit quia in re nostra aut gaudio
sumus praepediti nimio aut aegritudine?*

⁴⁶ Menedemo procederá de maneira precipitada e perdulária aos olhos de Cremes: “porque tomas uma péssima decisão tanto para ti como para ele **se demonstrares um ânimo brando e subjugado.**” (*quia pessume istuc in te atque in illum consulis, / si te tam leni et victo esse animo ostenderis. Heaut. 437-38, grifos meus*). Ainda que não seja objeto central deste estudo, a caracterização de Menedemo pode ser mais um exemplo de superposição de máscaras e brincadeira com tipos na mesma comédia. Isso porque parece-nos possível dizer que Menedemo, amiúde queixando-se da ausência do filho dileto ao seu lado, se expressa à maneira dos jovens apaixonados: “ou eu nasci com uma inclinação totalmente singular para as tristezas, ou é falso isso dito pelo povo e a que dou ouvido, de que os dias dissipam o **sofrimento** dos homens; pois em mim cada dia cresce mais o **sofrimento** pelo filho, e quanto mais tempo está ausente, tanto mais o quero e mais tenho saudades dele.” (*aut ego profecto ingenio egregio ad misérias / natus sum aut illud falsumst quod volgo audio / dici, diem adimere aegritudinem hominibus; / nam mihi quidem cotidie augescit magis / de filio aegritudo, et quanto diutius / abest mage cupio tanto et mage desidero. Heaut. 420-25, grifos meus*). Vale frisar que Menedemo se refere à paixão mórbida de Clínia em termos semelhantes: “o ânimo **sofredor** do jovem” (*animum ... aegrotum adolescentuli, Heaut. 100, grifos meus*).

(*Heaut.* 502-6).

Assim pergunto: deuses, por vossa fé!, de tal maneira a natureza de todos os homens foi disposta, de modo que observam e avaliam melhor os assuntos alheios do que os seus próprios! Acaso isso se dá porque naquilo que nos concerne somos demais embaraçados tanto pelo júbilo quanto pelo sofrimento?

Siro entra perplexo no palco, pois, em verdade, não havia arquitetado ainda um meio de obter dinheiro prometido à Báquide: “corre aqui e acolá; é preciso, no entanto, obter o dinheiro: é preciso apanhar o velho em um ardil.” (*Hac illac circumcursa; inveniundumst tamen/ argentum: intendenda in senemst fallacia*, *Heaut.* 512-13). Cremes se aproxima e, depois de iniciado o colóquio entre ambos⁴⁷, sem muito ponderar, concorda de imediato com a afirmação do escravo sobre a avidez e sobre a insensibilidade de Menedemo: “como se ele não nadasse no dinheiro, despejou o próprio filho na miséria” (*at quasi is non ditiis / abundet, gnatus eius profugit inopia*, *Heaut.* 527-8). O *senex* ainda reforça: Menedemo seria digno de um grande castigo (*Heaut.* 530) por causa de semelhante comportamento.

Interrogado, depois, sobre o que Menedemo deveria fazer, Cremes responde de súbito: “que elaborasse burlas para que houvesse um modo de o jovem dar algo à amada” (*fingeret fallacias / unde esset adulescenti amicae quod daret*, *Heaut.* 533-4). Siro reage com total descrédito ao que seu amo dissera (“papagueias”, *garris*, *Heaut.* 560). Este, contudo, obtempera: ele próprio é favorável às burlas (ele as louva) quando necessárias (*in loco / ego vero laudo* *Heaut.* 537-38). O escravo, diante desse beneplácito, sente-se então impelido a tramar⁴⁸.

Quanto à possibilidade, levantada por Cremes, de Clínia estar tramando algo contra Menedemo (*Heaut.* 545), Siro objeta: o jovem seria tolo demais para semelhante tarefa (*stolidus est*, *Heaut.* 545). Escutando de Cremes palavras como que encantadas, “mas convém que tu ajudes na causa do juvenzinho” (*at te adiutare*

⁴⁷ Observe-se que Siro, deparando-se com Cremes cedo de manhã, demonstra-se surpreso: “mas me surpreende Cremes, já tão cedo, para quem bebeu tanto ontem.” (*sed te miror, Chreme, / tam mane, qui heri tantum biberis*, *Heaut.* 518-19). Na sequência arremata: “parece verdade o que costuma ser dito da senilidade da águia” (*visa verost, quod dici solet, / aquilae senectus*, *Heaut.* 520-21). Siro alude ao vigor conservado pelas águias na senectude e parece contestar e negar a afirmação feita por Cremes a Menedemo há pouco: “por Hércules, eu não consegui pregar os olhos esta noite ao buscar um meio de te restituir teu filho.” (*somnum hercle ego hac nocte oculis non vidi meis, / dum id quaero tibi qui filium restituerem*, *Heaut.* 491-92).

⁴⁸ Cogita o escravo: “ignoro se acaso ele diz isso sério ou jocosamente; mas isso nada faz além impelir meu ânimo para aquilo que mais deseja.” (*iocone an serio ille haec dicat nescio; nisi mihi quidem addit animum quo lubeat magis*, *Heaut.* 541-42).

oportet adulescentuli / causa. Heaut. 546-47), Siro ufana-se: “decerto posso fazer isso facilmente, se ordenares, além disso, sou calejado no modo como isso costuma ser feito.” (*facile equidem facere possum si iubes; / etenim quo pacto id fieri soleat calleo. Heaut. 546-7*)⁴⁹.

Siro, como um bom pelintra, evitando suspeitas, escusa-se: “mas não é do meu feitio mentir” (*non est mentiri meum. Heaut. 549*). A certa altura, a fim de mais facilmente demover Menedemo a aceitar de bom grado as trapaças do filho para lhe subtrair aos poucos pequenas somas para o regalo da amada, Cremes o havia prevenido : “além disso também **suspeitei** que estavam lá a planejar isso em segredo.” (*etsi subsensi id quoque, / illos ibi esse, id agere inter se clanculum. Heaut. 471-72*, grifos meus). Cerca de cem versos a seguir, o escravo emprega um verbo de mesma família daquele *subsentio* empregado por Cremes ao expressar sua suspeita: discutindo as atitudes de Clítifo, Siro diz não ter observado nada de estranho da parte dele: “nem digo isso agora porque **tenha suspetado** de algo da parte dele” (*neque eo nunc dico quo quicquam illum senserim, Heaut. 554*, grifos meus).

O escravo, maliciosamente, aventa a possibilidade de algo semelhante ocorrer a Cremes. Segundo Siro, da mesma forma que Clínia, filho de Menedemo, se havia enamorado de Antífila e agora recorreria a burlas de modo a extorquir dinheiro do pai para o mimo de sua amante, com Clítifo, filho de Cremes, não seria diferente, pois, diz Siro: “**como é da natureza humana**, teu filho também pode fazer o mesmo” (*ut sunt humana, tuos ut faciat filius. Heaut. 552*, grifos meus). Para Cremes, professo no conhecimento da natureza humana (*humani nil a me alienum. Heaut. 77*), a situação se resume à observação: “que não seja o caso, espero” (*non usus veniet, spero, Heaut. 553*). O *seruus* então, com ousadia, adverte ironicamente Cremes (que é quem no mais das vezes oferece conselhos): “sem dúvida, se for o caso, poderei orientar-te, Cremes, de forma magnífica.” (*et ne ego te, si usu' veniat, magnifice, Chreme,/ tractare possim. Heaut. 556-7*). Terminada a conversa, Siro confessa a si mesmo: “nunca ouvi uma só vez meu mestre falar de modo tão conveniente, nem acreditaria que, ao agir

⁴⁹ Em havendo um padrão como os ardis são perpetrados pelos *serui callidi* (“escravos calejados”) na *palliata*, Siro faz menção (perceptível como um comentário sobre o próprio teatro) ao método usualmente explorado e empregado nas peças, prenunciando que, agora empossado do papel de *seruus callidus*, não falhará nessa tarefa, i. e., não fugiria à convenção. Uma sutil ironia, não percebida por Cremes, também estaria implícita: como sendo seu escravo, Siro provavelmente, segundo afirma, ter-se-ia especializado (ficado calejado) nessa tarefa trapaceando inclusive o próprio Cremes.

errado, seria considerado tão impune.” (*numquam commodius umquam erum audivi loqui, / nec quom male facerem crederem mi inpunius / licere. Heaut. 559-61*). Tal afirmação, indicando a empatia entre Cremes e o escravo enganador, enfatiza a mudança da imagem de nosso personagem.

Mais adiante, vemos Cremes novamente em postura moralista: como pai, critica os abusos de Clítifo, que tocara a amante de Clínia durante o banquete⁵⁰. O contra-argumento do filho é de que haveria entre ambos jovens uma confiança tal que Clínia saberia que o amigo jamais faria algo com sua amante (*Heaut. 571*). Cremes, por sua vez, sugere: que os amantes sejam deixados a sós, pois, porventura, desejem fazer algo a que a libido os incitaria. O embasamento para esta suposição do *senex* é o seguinte: “atualmente, junto a nenhum de meus amigos eu ousaria, Clítifo, expor todos meus segredos. Junto de um me refreia a dignidade, junto de outro a própria situação me envergonha, pelo temor de parecer tolo ou imprudente” (*nemost meorum amicorum hodie / apud quem expromere omnia mea **occulta**, **Clitipho**⁵¹, **audeam**. / apud alium prohibet dignitas; apud alium ipsius facti pudet, / ne ineptus, ne protervos videar: Heaut. 574-7, grifo meu*).

O escravo Siro, procurando evitar que Clítifo e suas atitudes desairosas arruinem sua tramóia, afugenta-o e oferece insolentemente conselhos a Cremes quanto à educação do jovem: “o que supões que ele vai fazer no futuro, ó Cremes, se, com toda a autoridade que os deuses te dão, não o proteges, nem o castigas e nem mesmo o aconselhas?” (*quid illum porro credas facturum, Chreme, / nisi eum, quantum tibi opis di dant, servas, castigas, mones? Heaut. 592*). Mais uma vez é importante para a caracterização progressiva de Cremes que, estando junto ao amo, Siro parece jocosamente imitar as falas e os atos idiossincrásicos dele, bem como usar da adulação, alardeando aquiescência e opiniões que se coadunam com as do *senex*.

⁵⁰ Inquire o *senex*: “acaso não te vi insinuar a mão nos seios dessa meretriz?” (*vidin ego te modo manum in sinum huic meretrici / inserere? Heaut. 563-4*)

⁵¹ Cremes chama a atenção de Clítifo, situando o nome do filho numa disposição enfática no enunciado, entre palavras capciosas e de sub-reptícias conotações na peça. Afora o trecho mencionado acima, há outra ocorrência semelhante no primeiro ato: “na verdade, uma vez que um ânimo se aderiu por cupidez aos males, precisa, **Clítifo**, perseguir propósitos parecidos.” (*verum ubi animus semel se cupiditate devinxit mala, / necessest, **Clitipho**, consilia consequi consimilia. Heaut. 208-9, grifos meus*). Tal recurso amplifica a comicidade de Cremes, assinalando sua parvoíce diante (e por que não no meio?) dos acontecimentos ao seu redor, os quais, no entanto, ele parece ignorar, absorto em seus pensamentos.

Cremes, que se demonstra mais interessado no andamento da tramóia do que na educação do próprio filho, ouve o plano de Siro. Trata-se uma história (*fabula*) inventada sobre Antífila: criada por uma velha coríntia que contraíra junto a Báquide uma dívida, “a esta ela [Antífila] foi deixada como caução no que concerne àquele dinheiro” (*ea relictā huic arraboni est pro illo argento. Heaut. 603*). Ainda conforme a história do escravo, a jovem agora “roga a Clínia que lhe dê (afirmando que ela vai, porém, devolver-lhe depois); ela pede mil numos.” *Cliniam orat sibi uti nunc det: illam illi tamen / post daturum; mille nummum poscit, Heaut. 605-6*). Com tal história fictícia, Siro convenceria Menedemo do grande investimento que seria comprar a moça, uma cativa de Cária, bem provida e de estirpe. Cremes, participando da simulação, entretanto, objeta: “agora respondo por Menedemo para ti: ‘não compro’; o que farás?” (*pro Menedemo nunc tibi ego respondeo / ‘non emo’: quid ages? Heaut. 610-11*). Contrariando o previsto, Siro diz que é esta a resposta esperada (*optata loquere. Heaut. 611*) por ele e que logo Cremes saberá o motivo (*iam scies. Heaut. 612*). O que ninguém (muito menos Cremes) esperava é que a história “inventada” se revelará, no porvir, em partes, verdadeira.

3.4 – Ato IV: as reações de Cremes às reviravoltas da peça

Um tropel na casa de Cremes dá início ao quarto ato da peça: Sóstrata, sua esposa, constata que Antífila é a filha outrora abandonada pelo casal (*Heaut.* 614 e ss.). Cremes, desacreditado, sustenta: sua esposa se dedica com assaz veemência a miudezas⁵². Antes, porém, de se explicar, Sóstrata requisita: “primeiramente te peço: não creias que eu ousei fazer algo contrário ao teu decreto” (*primum hoc te oro, nequid credas me advorsum edictum tuom / facere esse ausam, Heaut.* 623-4). Cremes sarcasticamente diz: “então desejas, embora seja inacreditável, que eu acredite em ti? Acredito portanto.” (*vin me istuc tibi, etsi incredibilest, credere? / credo. Heaut.* 624-5). Expostos os acontecimentos, Cremes recrimina a atitude irrefletida da esposa, que, motivada pela compaixão e pelo instinto materno (*miser cordia, animus maternus, Heaut.* 637), considerou apenas a sobrevivência da criança, não cogitando a hipótese de que futuramente ela fosse impelida a ganhar a vida vil e desonrosamente, possivelmente como uma cortesã (*meretrix*).

Sóstrata indaga: “acaso te recordas de eu estar grávida e de tu me decretares com veemência, caso eu parisse uma menina, que não seria acolhida como filha?” (*meministin me gravidam et mihi te maxumo opere edicere, / si puellam parerem, nolle tolli? Heaut.* 626-27). Cremes não desmente o fato, condena a atitude de sua esposa, i. e., de ter entregado a recém-nascida aos cuidados de uma velha coríntia (*Heaut.* 629-30), e depois exclama: “quanta ignorância há nessa mente!” (*tantam esse in animo inscitiam! Heaut.* 630). Cremes, talvez sofismando, parece não incriminar sua esposa do descumprimento de seu decreto, salientando, no entanto, que antes se deveria recusar uma imposição a dissimular uma condescendência. A esposa, entretanto, apresenta-se como culpada pelo cometido (*tot peccata in hac re ostendis. Heaut.* 634), pois Cremes argumenta: “se quisesses executar minha ordem, convinha cumprir o assassinio, não simular uma morte se valendo de palavras e dar-lhe assim esperança de vida.” (*si meum / imperium exsequi voluisses, interemptam oportuit, / non simulare mortem verbis, re ipsa spem vitae dare. Heaut.* 634-36). Depois o velho ironiza:

*quam bene vero abs te prospectumst quod voluisti cogita:
nempe anui illi prodita abs te filiast planissime,*

⁵² Cremes insulta sua cômica: “que ela não vá, por Hércules, narrar grandes ninharias com grande afínco.” (*ne ista hercle magno iam conatu magnas nugas dixerit. Heaut.* 621).

*per te vel uti quaestum faceret vel uti veniret palam.
credo, id cogitasti: 'quidvis satis est dum vivat modo.'
(Heaut. 638-41)*

Reflete quão boa é na verdade a tua perspectiva daquilo que planejou: certamente a filha foi entregue definitivamente por ti àquela velha e, por ti, tanto faz como tanto fez como ganharia a vida na sociedade. Creio que pensaste assim: 'não importa o que aconteça uma vez que viva'.

O *senex* repreende a atitude da esposa considerando-a consoante à daqueles “que não conhecem a justiça nem o que é bom e equânime (...) e não enxergam nada além do que desejam” (*qui neque ius neque bonum atque aequom sciunt (...) nil vident nisi quod lubet. Heaut. 642-3*). O instinto maternal de Sóstrata, bem como sua parvoíce, a impossibilitariam de executar a truculenta demanda. Para admiração de Sóstrata⁵³, seu marido aceita de bom grado Antífila como filha, admitindo que a situação determina as nossas reações: “não é possível ao homem ser sempre como deseja se a ocasião não possibilita. Agora é o momento para que eu deseje uma filha, antes jamais.” (*non licet hominem esse saepe ita ut volt, si res non sinit. / nunc ita tempus est mi ut cupiam filiam: olim nil minus. Heaut. 666-7*).

Em solilóquio, Siro lamenta que a revelação de Antífila como filha do casal tenha arruinado seu plano: “**que flagelo** ter tamanha isca tão de repente arrancada da boca.” (*crucior bolum tantum mi ereptum tam desubito e faucibus. Heaut. 673*, grifos meus). O escravo emprega comicamente o verbo flagelar-se (*crucior*) para lamentar o malogro de seu ardil, ao passo que o mesmo verbo e seu composto (*excrucior*) são empregados por outros personagens para descrever seus sofrimentos diante dos reveses do destino. Cremes o emprega ao descrever, a seu ver, a situação em que se encontra Menedemo no início da peça (*Heaut. 81*), o qual não poderia, portanto, jamais ser privado da felicidade de reaver o filho dileto, cuja ausência parece flagelá-lo demasiadamente (*tam excruciarier, Heaut. 413*).

Entrementes, ao passo que Clínia se regozija antevendo a possibilidade de seu casamento, o ardil de Siro⁵⁴ de transladar Báquide da casa de Cremes à de Menedemo (*Heaut. 694-8*) causa-lhe certo incômodo. Para dissipar os temores do jovem, o *seruus* explica seu plano jactando-se do método do qual se valerá, de “dizer a verdade para

⁵³ Exclama ela sobre Cremes: “como superou minha expectativa” (*ut praeter spem evenit! Heaut. 664*).

⁵⁴

enganar ambos” (*vera dicendo ut eos ambos fallam Heaut. 711*), pois sua intenção é de fazer com que, quando Menedemo revelar toda a verdade a Cremes, este não acredite (*Heaut. 711-12*). Além de sublinhar a presença do ludíbrio, o escravo Siro também zomba da parvoíce de Cremes: “o velho esperará que a despesa seja aliviada à saída delas, sem saber de que desse pequeno lucro lhe advirá tanta prejuízo” (*sperabit sumptum sibi senex levatum esse harunc abitu: / ne ille haud scit hoc paullum lucri quantum ei damnum adportet. Heaut. 746-7*). Por sua vez, o *senex* Cremes entra em cena cogitando a hipótese de que Menedemo, diante da dilapidação de seus bens, expulse novamente o filho: “na verdade, quando vir quantos dispêndios diários são feitos (e que são feitos sem moderação) em sua casa, vai desejar novamente que o filho se afaste para longe dele.” (*verum ubi videbit tantos sibi sumptus domi / cotidianos fieri nec fieri modum, / optabit rursum ut abeat ab se filius. Heaut. 754-56*).

Após expressar tal preocupação com o aspecto financeiro de seu vizinho, Cremes, avistando Siro, pergunta-lhe: “não sei ao certo se noto que resolveste aquilo com o velho” (*videre egisse iam nescio quid cum sene, Heaut. 759*). O *seruus* esclarece: “sobre aquele assunto de antes? Transformei o dito em fato” (*de illo quod dudum? dictum factum reddidi. Heaut. 760*). Na seqüência, a suposta “artimanha” é aprovada por Cremes. Segue-se a narração do restante da tramóia (*fallaciae Heaut. 771*) pelo *seruus*: Clínia se encantara com Antífila, pediu-a em casamento e obterá, enfim, o dinheiro necessário para as bodas (*Heaut. 771-77*). Cremes, entretanto, recusa-se peremptoriamente a conceder a mão de Antífila a um sujeito como Clínia e, ironicamente lançando mão de uma escusa semelhante àquela do escravo (*Heaut. 549*), alega que “não é do meu feitio dissimular” (*non meast simulatio. Heaut. 742*). Note-se o modo como, mediante a recusa de Cremes em entregar sua filha em casamento ao *adulescens*, Siro busca convencê-lo: “mas eu não dizia para que lhe a concedesses de vez, mas **que fingisse**” (*non ego dicebam in perpetuom ut illam illi dares, / verum **ut simulares**. Heaut. 781-82*, grifos meus). Tal afirmação sublinha o fato de que, naquele momento Cremes estaria fingindo circunspecção e seriedade, uma vez que, até então, estimulara o escravo a elaborar um ardil contra Menedemo e confabulara junto deste uma maneira de enganar Clínia. Parecem cômicos tanto seu argumento de não ser de sua natureza mentir (*Heaut. 742*), quanto seu pedido para ser poupado de tais questões (“que tu não me mistures assim em tuas mixórdias e assuntos”, *ita tu istaec tua misceto ne me admisceas. Heaut. 783*).

Cremes urge o escravo a continuar. Lobrigada uma oportunidade de se aplicar o embuste, Siro então questiona: “mas e quanto àquilo que te disse sobre o dinheiro que Antífila deve a Báquide, é necessário agora restituir a quantia a ela” (*sed illud quod tibi / dixi de argento quod ista debet Bacchidi, / id nunc reddendumst illi: Heaut.* 790-92). No mesmo sentido, Siro enumera argumentos para dissuadir Cremes a pagar a dívida contraída pela filha deste:

*neque tu scilicet
illuc confugies: “quid mea? num mihi datumst?
num iussi? num illa oppignerare filiam
meam me invito potuit?” verum illuc, Chreme,
dicunt: “ius summum saepe summast malitia”.
(Heaut. 792-96).*

É óbvio que tu não vais argumentar: “que tem a ver comigo? E foi dado algo a mim? E eu pedi? E ela podia penhorar minha filha contra minha vontade?” É verdade, Cremes, o que dizem: “a justiça suprema é sempre a malícia extrema.”

Enfim, Siro se vale de um argumento infalível, i. e., apela à vaidade de Cremes, ao afirmar: “todos te consideram um homem de bens e de boa reputação” *omnes te in lauta et bene acta parte putant. Heaut.* 798), convencendo-o a pagar a quantia. Iludido pelo poder de convencimento da invenção do escravo (a qual, por sinal, tornou-se mais consistente e verossímil graças ao paralelismo entre a prévia fábula e a decorrente verdade), ou seja, sem desconfiar que tal dívida seria apenas uma ficção (*Heaut.* 598–611), o *senex* se prontifica a pagar. Para tanto, Siro o orienta: cabe a Clítifo a entrega do dinheiro, pois assim o engodo contra Menedemo pareceria mais verossímil (*mage veri simile, Heaut.* 802), “já que nele recaiu a suspeita de ser o amante.” (*quia enim in eum suspiciost / translata amor. Heaut.* 800-1). Conforme aponta Moodie (2009: 159), Siro se diferenciaria dos escravos plautinos ao se manter em uma posição mais passiva e a ser forçado a reagir e a responder às manobras de seu oponente (seu suspicaz amo Cremes), ao invés de ditar os termos do conflito. O *seruus* se aproveita de um ensejo para lançar o ataque: o paralelo entre sua versão (a história inventada) e a verdade parece-lhe oportuno para elencar argumentos e persuadir Cremes a pagar a dívida que fora inventada.

Siro reporta o ocorrido a Clítifo (*Heaut.* 818-22), recém chegado da forçada deambulação: “anima-te: o dinheiro prometido, já o tens para entregares a ela” (*bono animo es: iam argentum ad eam deferēs / quod ei pollicitu's. Heaut.* 822-23). O

montante encontra-se junto de Cremes, inacreditavelmente enredado na tramóia do escravo. O escravo ordena a Clítifo: “presta atenção, não se admires com o maneira como as coisas se resolvem; vai e o sigas a qualquer lugar, prepara-te para fazer o que ele mandar e digas o mínimo possível” (*cave quicquam admiratus sis / qua causa id fiat; obsecundato in loco; / quod imperabit facito; loquitor paucula. Heaut. 826-28*).

Ao que Cremes se põe a se queixar⁵⁵ de futuros gastos com roupas e dote, Menedemo chega exultante devido às boas novas, no entanto, é desiludido por aquele que explica o que lhe seria a verdade⁵⁶. Menedemo, não desejando perder novamente o filho, persiste. Quanto a Cremes, conquanto o acuse de mimar o garoto, aprova o casamento (“além disso ainda, se quiseses, vai e dize que a prometi em casamento.” *postremo etiam, si voles, / desponsam quoque esse dicito. Heaut. 865-66*). No entanto, ainda não se trata de um final feliz. Mais reviravoltas da peça hão de mostrar mais facetas do *senex* Cremes.

⁵⁵ “Quantas injustiças e desatinos se dão graças aos costumes! Cabe a mim agora deixar de lado meus afazeres e encontrar a quem dar meus bens ganhos com suor.” (*quam multa iniusta ac prava fiunt moribus! / mihi nunc relictis rebus inveniundus est / aliquis, labore inventa mea quoi dem bona. Heaut. 839-41*).

⁵⁶ Cremes rememora Menedemo: “acaso já te esqueceste do que foi dito entre nós sobre o ardil, de como seria roubado de ti o dinheiro?” (*iamne oblitus es / inter nos quid sit dictum de fallacia, / ut ea via abs te argentum auferretur? Heaut. 848-50*). Menedemo objeta: “na verdade, esta tal que está em minha casa é a amante de Clítifo: isso é o que dizem.” (*immo haec quidem quae apud me est Clitiphonis est / amica: ita aiunt. Heaut. 852-53*). Cremes, entretanto, procura conscientizar o vizinho: “dizem que ele quer casar para que, quando eu a tiver dado em casamento, dês dinheiro, vestes e outras coisas que se deve providenciar” (*illum aiunt velle uxorem ut, quom desponderim, / des qui aurum ac vestem atque alia quae opus sunt comparet. Heaut. 854-55*). Menedemo se convence que é vítima de um embuste e de que seu filho o engana, dadas as evidências apresentadas pelo *senex*: pode-se observar, dessa forma, que grande parte das conjecturas de Cremes quanto ao comportamento dos demais são inferidas prevendo e imputando malícia e más intenções nas atitudes e intenções alheias.

3.5 – Ato V: Cremes: *pater durus et senex ridiculus*

Entre os atos IV e V, Menedemo entrara em sua casa e, agora, no ato derradeiro, retorna à cena apostrofando Cremes, “cuja tolice excede todas coisas” (*exsuperat eius stultitia haec omnia. Heaut. 878*)⁵⁷. Entrementes este deixa sua casa condenando a estupidez da esposa. Isso porque ela agradecerá aos deuses incessantemente: “os julgas assim”, afirma ele, “a partir de teu gênio, como se não compreendessem salvo se repetindo a mesma coisa centena de vezes” (*nisi illos ex tuo ingenio iudicas / ut nil credas intellegere nisi idem dictumst centiens Heaut. 880-1*). Cremes toma conhecimento do decorrido na casa de Menedemo: ao invés de pedir mais dinheiro, o jovem “começou a se contentar assim como aqueles que desejam se casar” (*gaudere adeo coepit quasi qui cupiunt nuptias. Heaut. 885*). Diante disso, Cremes erroneamente suspeita que a capacidade de enganar de seu escravo, de forjar as expressões das pessoas (*voltus quoque hominum fingit Heaut. 887*), estaria por detrás da demonstração de alegria de Clínia - que é, todavia, verdadeira.

Isso porque Cremes, acreditando que o *adulescens* segue o plano de Siro (i. e., que Clínia estaria fingindo sua alegria como parte do plano para ludibriar o pai e conseguir uma soma para mimar a amante), comenta a Menedemo: “vieram-me à mente **as velhacarias** do escravo Siro” (*servi venere in mentem Syri / calliditates. Heaut. 886-87*, grifos meus). Dentre as *calliditates* do *seruus callidus*, explica Cremes, está a de que “**o patife também forja** as expressões [faciais] das pessoas” (*voltus quoque hominum fingit scelus. Heaut. 887*, grifos meus). Reflete com argúcia Moodie (2009: 156): a escolha de semelhante vocabulário sugere que o conhecimento da esperteza (*calliditas*) do escravo (denominado *scelus*) advém de uma tradição cômica e Cremes, portanto, reconhece Siro como um tipo de elaborador (*architetus*) da trama/ardil (*argumentum*) encenando uma peça de engano dentro da peça principal,

⁵⁷ Menedemo tece os seguintes acerca da ignorância de Cremes: “a mim serve qualquer um desses epítetos atribuídos a um tolo: estúpido, tapado, burro, bronco; nele nenhum serve: sua tolice supera qualquer coisa.” (*in me quidvis harum rerum convenit / quae sunt dicta in stulto, caudex stipes asinu' plumbeus; / in illum nil potest: exsuperat eius stultitia haec omnia. Heaut. 876-78*). Essa afirmação de Menedemo vai de encontro à dimensão digamos “humanitária” de Cremes, à sua autocaracterização como uma pessoa a cujo discernimento e natureza nenhuma ação ou pensamento humanos são estranhos (*Heaut. 77*). Segundo Menedemo, é possível inferir que Cremes estaria efetivamente fora do âmbito dos humanos uma vez quaisquer insultos são, de certa forma, “alheios”: nenhum é lhe adequado, nada lhe convém.

assim como muitos escravos plautinos o fizeram antes dele.⁵⁸ A conscientização do *senex* é, entretanto, canhestra: cômico do papel do escravo, Cremes não é capaz de discernir quando o *seruus* está ou não tramando e, logo, este consegue enganá-lo lançando mão de seu plano de “**dizer a verdade para enganar ambos**” (*vera dicendo ut eos ambos falam*: *Heaut.* 711, grifos meus).

Contradizendo o desconfiado vizinho, Menedemo assevera que de fato uma simulação teria se efetuado, advinda, entretanto, de Clítifo, e que o ardil foi perpetrado com tamanha maestria que não transpareceu haver algo entre ele e a suposta amante de Clínia (*ut ne paullulum quidem subolat esse amicam hanc Cliniae*. *Heaut.* 899). Descortinada a ignorância, a ingenuidade e a total insciência de Cremes quanto à verdade dos fatos e de seu caráter, Menedemo adota uma postura distinta, irônica e um tanto sarcástica, dissimulando nada saber. Cremes intui que tudo foi tão bem arquitetado por Siro, e Menedemo indaga: “que meu filho finge estar contente, isto é que dizes?” (*gnatus quod se adsimulat laetum, id dicis?* *Heaut.* 888). Cremes confirma e Menedemo acrescenta: “isso mesmo é o que me passa pela cabeça.” (*idem istuc mihi / venit in mentem*, *Heaut.* 888-89). Cremes enfatiza: “que matreiro!” (*veterator*, *Heaut.* 889), Menedemo complementa: “se soubesses mais, julgaria que é muito mais que isso” (*mage, si mage noris, putes / ita rem esse*, *Heaut.* 889-90). Menedemo se dispõe a explicar o porquê desse comentário, Cremes, entretanto, interrompe-o: “espera; **presumo que sei mais a esse respeito**” (*mane; hoc / prius scire expeto*, *Heaut.* 890-91, grifos meus). Na autoridade de douto, expõe então sua conclusão: “quando anunciaste o selamento do matrimônio a seu filho, é óbvio que de imediato Dromo se dirigiu a ti com uma conversa de que seria preciso um traje nupcial, ouro e criadas, para que desses dinheiro.” (*ubi desponsam nuntiasti filio, / continuo iniecisse verba tibi Dromonem scilicet, / sponsae vestem aurum atque ancillas opus esse: argentum ut dares*. *Heaut.* 891-93). Menedemo desmente a suposição, assegura que Clínia urge para que se consumem as bodas no mesmo dia (*instare ut hodie conficiantur nuptiae*. *Heaut.* 895), bem como lança a troça:

⁵⁸ Lembremo-nos de que, em passagem de um ato anterior, Cremes havia proposto a Menedemo consentir em ser enganado “**pelos artimanhas de um escravozinho**” (*falli te sinas / techinis per servolum*; *Heaut.* 470, grifos meus). Após alguns versos, Menedemo aceitou a suspeita de Cremes e pediu: “já que os observaste a começar a me **enganar**, faz com que se apressem” (*quod sensisti illos me incipere fallere, id uti maturent facere*: *Heaut.* 495, grifos meus). Decorrido um tempo, Cremes interrogou Siro sobre o proceder do escravo de Clínia: “acaso ele não está **tramando uma tramóia** contra o velho?” (*nonne ad senem aliquam fabricam fingit?* *Heaut.* 545, grifos meus).

“surpreende-me que **saibas tão bem dos assuntos alheios**. Mas aquele Siro também admiravelmente **moldou** a expressão de teu próprio filho de tal forma que nem um pouquinho farejaste que essa (Antífila) é amante de Clínia” (*equidem miror, qui **alia tam plane scias**. / sed ille tuom quoque Syrus idem mire **finxit** filium, / ut ne paullulum quidem subolat esse amicam hanc Cliniae. Heaut. 897-99, grifos meus*).

Menedemo revelou que Clítifo e Báquide estavam trocando carinhos e rumando em direção a um leito. Cremes interroga se acaso “Clínia estava vendo isso acontecer?” (*Clinia haec fieri videbat? Heaut. 907*). Menedemo o confirma e aventa a hipótese (quicá uma chacota): não haveria com o que se preocupar, já que, como grandes amigos, Clítifo agora estaria ajudando o amigo, sendo seu sócio na partilha da amante (*socium esse in negotiis, Heaut. 418*). Conquanto Menedemo não ouvira o solilóquio de Cremes, em que este professara seguir o exemplo dos jovens (entre os quais haveria tanto uma relação de amizade, quanto de sociedade), não seria desarrazoado atentar para uma possível alusão àquela fala de Cremes nessa altura da peça.

Cremes finalmente reconhece que Báquide é amante de Clítifo e incontinentemente demonstra sua preocupação: “minha propriedade mal dá para dez dias.” (*decem dierum vix mi est familia, Heaut. 909*). Menedemo galhofa: “O que temes, que ele dê uma ajuda ao seu amigo?” (*quid istuc times quod ille operam amico dat suo? Heaut. 910*). Cremes corrige: “à amante” (*amicae. Heaut. 911*), mas seu vizinho o apoquenta: “se der...” (*si dat, Heaut. 911*). Cremes, sem entender a lógica da hipótese, nem notar a ironia, certifica-se: “achas mesmo que haja alguém com uma disposição tão altruísta e benévola que, vendo sua amante, tolere isso...?” (*quemquamne animo tam communi esse aut leni putas / qui se vidente amicam patiatur suam... ? Heaut. 912-13*)⁵⁹. Visto que tudo seria válido no engodo, até mesmo o absurdo de os dois amigos partilharem a mesma amante, Menedemo encerra o assunto ironizando: “como não? Para que eu fosse levado na conversa mais facilmente” (*quidni? quo verba facilius dentur mihi, Heaut. 914*).

Mediante as justificativas de Menedemo, Cremes admite: “quantas pistas dadas até que eu me desse conta, quem dera eu não fosse uma pedra!” (*quot res dedere ubi*

⁵⁹ São recorrentes nas falas de Cremes verbos que denotam subjetividade, evidenciando que certos veredictos seus e conselhos se pautam na inferência e na intuição. Como exemplo, o verbo *puto* (julgo, creio, acho, considero) é empregado em suas asserções e de suas admoestações falhas. Cf. *tamen vel virtus tua me vel vicinitas, / quod ego in propinqua parte amicitiae **puto**, Heaut. 56-57; homo sum: humani nil a me alienum **puto**. / vel me monere hoc vel percontari puta: / rectumst ego ut faciam; non est te ut deterream. Heaut. 77-9, grifos meus); *ingenio te esse in liberos leni **puto**, / et illum obsequentem siqui' recte aut commode / tractaret. Heaut. 151-3, grifos meus*).*

possem persentiscere, / ni essem lapis! Heaut. 916-17), e se enfurece. Numa inversão cômica de papéis, Menedemo, com argúcia e muito humor, elenca sabiamente “à maneira de um filósofo”, numa única fala, três perguntas: “não te controlas? Não te observas? Não sou um exemplo suficiente a ti?” (*non tu te cohibes? non te respicis? / non tibi ego exempli satis sum? Heaut. 919-20*). Nesse ponto é possível perceber a sutil composição terenciana, o modo como diversos elementos do enredo contribuem para a composição dos personagens. Destaque-se que, em cada uma das questões de Menedemo, pode-se notar possíveis alusões a críticas feitas por Cremes em passagens anteriores da peça (conquanto o personagem Menedemo não estivesse presente no momento em que Cremes as pronunciara), em que o *senex* prescrevia a necessidade de a) autocontrole; b) auto-observação, c) uso das experiências alheias como exemplos para a própria vida. Tais passagens, em que Cremes amiúde buscou exhibir seu comedimento, serão apontadas a seguir:

a) O auto-controle: nesse ponto, destacamos duas passagens. Uma delas se dá quando Menedemo se precipitara em soluços rememorando suas atribulações; Cremes o confortou e recomendou autocontrole: “não chores” (*ne lacruma. Heaut. 84*). Mais adiante, informando o vizinho do retorno do filho, Cremes negou ter relatado ao jovem o diferente estado de ânimo do pai, pois não conviria uma demonstração de fragilidade e vulnerabilidade ao jovem (*Heaut. 437-38*). Passado um tempo, tomado pelo furor de reaver o filho, Menedemo oferece qualquer coisa para tê-lo junto a si, porém Cremes redargúi ser melhor agir com ponderação, ceder e conceder aos poucos (*Heaut. 466-67*), usar-se de um ardil para controlar o jovem.

b) A auto-observação: no começo da peça, Menedemo, labutando em sua fazenda, agiria, segundo Cremes, de forma errônea, pois, como alega este: “nenhum tempo te concedes **nem te observas**” (*nullum remittis tempus neque te respicis. Heaut. 70*, grifos meus).

c) O outro como exemplo: segundo Clítifo, seria uma sentença reiterada de Cremes : “faz **dos males alheios** algo de útil para ti” (*periculum ex aliis face tibi quod ex usu siet. Heaut. 210*, grifos meus).

Portanto, no derradeiro ato, as questões colocadas por Menedemo a Cremes trazem ao público a lembrança das passagens anteriores em que este as colocava, e se evidencia uma inversão de papéis entre o admoestador e o admoestado, entre o (cômico) filósofo interessado em tudo e aquele que desconhece a própria situação. Tal inversão fica

ainda mais nítida quando Menedemo, perspicaz, aventa: “e não é para ti uma ignomínia **dar conselhos aos outros, conhecer vendo de fora, e não poder ajudar a ti mesmo?**” (*nonne id flagitiumst te aliis consilium dare, / foris sapere, tibi non posse te auxiliarier?* *Heaut.* 922-23, grifos meus). A despeito dos conselhos de Menedemo⁶⁰, para o encolerizado Cremes é preferível ter o filho longe a ter dilapidadas suas possessões. Mais uma vez, ecoam passagens da peça que colaboram para perceber a inversão de papéis, quando o *senex* ludibriado replica:

*Immo abeat multo malo quovis gentium
quam hic per flagitium ad inopiam redigat patrem.
nam si illi pergo suppeditare sumptibus,
Menedeme, mihi illaec vere ad **rastros** res redit.
(Heaut. 928-31, grifos meus).*

Francamente prefiro mil vezes que ele siga aonde quiser a me reduzir, seu pai, à miséria por meio de desregramentos. Pois, se continuo a bancar-lhe os esbanjos, Menedemo, realmente essa situação vai me levar à enxada.

No encontro de Cremes com Menedemo, no início do primeiro ato, logo antes de Menedemo expor os acontecimentos e motivos que o levaram a impingir a si próprio essa vida árdua e sofrida, Cremes pedira: “mas, neste meio tempo, enfim, depõe essas **enxadas** e não trabalhes.” (*at istos rastros interea tamen / adpone, ne labora. Heaut.* 88-9). Aqui é inegável a remissão à imagem do autoflagelador do começo da peça, um papel que Cremes se nega a adotar, mas desta vez sem apelar a motivos filosóficos ou altruístas: a questão do patrimônio é, como vemos, enfatizada⁶¹. Menedemo alerta: “quantos inconvenientes conseguirás assim” (*quot incommoditates in hac re capies, Heaut.* 932). Cremes, no entanto, está obnubilado pela emoção (“ah, não sabes como isso me aflige” *ah nescis quam doleam. Heaut.* 934).

Volta-se à questão financeira. Menedemo deseja saber, quanto ao seu pedido de casamento (*Heaut.* 935), se Cremes ainda se mantém de acordo, e este o confirma (*Heaut.*

⁶⁰ Menedemo encerra sua lista de argumentos e prescrições com a recomendação: “isso que dizias que eu fizera de modo insuficiente: faz com que ele te sinta como um pai, faz com que ele ouse confiar tudo, recorrendo a ti e reivindicando de ti de modo que não queira nada em abundância e nem te abandone.” (*id quod me fecisse aiebas parum: / fac te patrem esse sentiat; fac ut audeat / tibi credere omnia, abs te petere et poscere, / nequam aliam quaerat copiam ac te deserat. Heaut.* 924-27).

⁶¹ Se, por um lado, na passagem do início da peça Menedemo se propusera a abster-se dos regalos e dos confortos de seus bens, visando a expiar uma falta cometida, Cremes, contudo, no final da peça revela que não pretende perdoar a falta de Clítifo, bem como lhe repugna com tamanha ojeriza a possibilidade de perder seus bens que, rapidamente, ele encontra uma solução para o problema.

936). Restando apenas estabelecer o dote, Cremes, titubeante⁶², estipula dois talentos (*duo talenta Heaut.* 940) e uma concessão: “mas, se queres que eu esteja a salvo, bem como meus bens e meu filho, é necessário que tu fales que eu prometi a ele ‘todos meus bens’.” (*sed ita dictu opus est si me vis salvom esse et rem et filium, / me mea omnia bona doti dixisse illi. Heaut.* 940-41). Lembremos que, anteriormente, o escravo Siro, mediante a recusa de Cremes a entregar sua filha em casamento a Clínia, havia pedido que ele fingisse (*simulares. Heaut.* 782). Mas agora é Cremes que, sem melindre, indica, em resposta, o modo como Menedemo procederia: “deverás **dissimular** que isso te causa admiração” (*id mirari te simulato Heaut.* 943).

Sem saber a finalidade dessa resolução, Menedemo objeta, porém Cremes esclarece: “para que seu ânimo [leia-se, de Clítifo], que agora flutua na luxúria e na lascívia, eu represe e repare, de modo que não saiba aonde se voltar.” (*ut eius animum, qui nunc luxuria et lascivia / diffluit, retundam redigam, ut quo se vortat nesciat, Heaut.* 945-6). Logo em seguida, em monólogo, Cremes ameaça Siro: “enquanto eu viver, vou dar-lhe um bom trato, uma bela escovada de modo que, enquanto ele viver, há de se lembrar sempre de mim, alguém que ele julga servir para seu divertimento e derrisão” (*egone si vivo adeo exornatum dabo, / adeo depexum ut dum vivat meminerit semper mei; / qui sibi me pro deridiculo ac delectamento putat, Heaut.* 950-52)⁶³.

Quando Clítifo, ao ouvir semelhante ameaça, estupefato, indaga que falta mereceria tamanha punição, sarcasticamente Cremes explica que tomou essa decisão apenas pensando no bem estar do filho. Isso porque, diante do ocorrido, ao invés de torná-

⁶² Menedemo pergunta: “quanto de dote direi ao meu filho que disseste? Por que te emudeceste?” (*quid dotis dicam te dixisse filio? / quid obticuisti? Heaut.* 937-38). Cremes dissimula não entender, porém Menedemo, ciente do comportamento do interlocutor, dissipa as preocupações: “Cremes, não te intimides se for pouco; dote algum pode nos demover” (*Chreme, / nequid vereare, si minus: nil nos dos movet. Heaut.* 938-39).

⁶³ Maltby (1984: 29-30) em seu estudo, intenta demonstrar no derradeiro ato de *Heautontimorumenos* uma maior incidência de “plautinismos” (ou seja, algumas construções sintáticas, variações métricas e o emprego de um léxico semelhantes aos de Plauto) que destoaria da tessitura textual dos quatro primeiros atos. Entre os aspectos destacados pelo estudioso nesse ato, há uma série de recursos incomuns em outras peças de Terêncio. Para darmos apenas alguns exemplos, observa o estudioso que tanto *diffluo* e *retundo* (*Heaut.* 946), têm ali um uso singular na comédia de Terêncio: do primeiro verbo, não há registros de uso metafórico antes de Cícero; o segundo verbo é recorrente em duas passagens plautinas, *Pseud.* 159 (*retunsast*) e 1045 “meu coração está embotado de se debater contra o peito” (*mihi cor retunsumst oppugnando pectore*). As aliterações *luxuria et lascivia*, bem como *retundam redigam*, criam uma imagem exuberante e típica do estilo cômico plautino. Outro exemplo: a condição *si vivo* (amplamente empregada em ameaças nas peças plautinas, mas apenas pelos velhos irados em Terêncio) junto de uma ameaça seguida de uma oração final (*ut ... meminerit semper mei*) constitui uma expressão recorrente em Plauto, empregada, todavia, somente uma outra vez por Terêncio em *Eunuco* (*Heaut.* 801).

lo seu herdeiro, crê que é melhor legar os bens ao genro, em cuja casa Clítifo encontrará sempre acolhida e o que necessitar. Diante da situação, Siro aventa motivos para semelhante reação paterna: seus argumentos indicam que Clítifo teria sido adotado⁶⁴. Clítifo fica perplexo diante da possibilidade de ser um filho putativo; o escravo, contudo, recomenda: “questiona-lhes sobre essa suspeita, traz à tona o assunto. Se for falsa, logo os conduzirá à compaixão, ou então saberás de quem és filho.” (*suspicionem istanc ex illis quaere, rem profer palam. / si non est verum, ad misericordiam ambos adduces cito / aut scibis quous sis. Heaut. 994-96*). Note-se que, ainda que ameaçado por Cremes, o dolo do escravo seria favorável àquele. O escravo tem em mente desamparar e fragilizar emocionalmente o jovem, a fim de que ele faça as pazes com o pai e acate incontestes as ordens deste⁶⁵. Observamos, pois, que o plano de Cremes tem êxito somente mediante o auxílio do escravo.

O caráter de Cremes se delineia, pois, de maneira contraditória: distinguindo-se do seu vizinho, um pai preocupado efetivamente com o próximo (o próprio filho), e aproximando-se do caráter matreiro do escravo enganador, com quem é confrontado e de quem é, enfim, cúmplice. Numa das cenas finais, o contraste entre o caráter de Cremes com o de sua esposa também é revelador. Quando o filho tenta esclarecer a questão junto aos pais, sua mãe, Cremes aproveita a oportunidade para mais uma vez diminuir a esposa, sugerindo uma solução bem irônica à possibilidade de Sóstrata não conseguir negar sua maternidade: “facilmente o convencerás de ter nascido de ti: pois ele é a tua cara! Não possui um defeito que não seja herdado de ti, afinal, além disso, ninguém além de ti mesma engendraria um filho assim.” (*convinces facile ex te natum: nam tui similest probe; / nam illi nil vitist relictum quin siet itidem tibi; / tum praeterea talem nisi tu nulla pareret filium. Heaut. 1020-22*).

⁶⁴ Siro oferece duas explicações à reação de Cremes: a) “enquanto lhes foste filho único, até que não lhes houvesse algo melhor para a satisfação, perdoavam-te e davam-te de tudo; agora, depois de encontrada a filha verdadeira, encontrou-se um motivo para te expulsarem” (*dum istis fuisti solus, dum nulla alia delectatio / quae propior esset, te indulgebant, tibi dabant; nunc filia / postquamst inventa vera, inventast causa qui te expellerent, Heaut. 987-89*); b) “todas as mães são favoráveis aos filhos em suas faltas, costumam ser um auxílio na intempérie paterna; mas isso não ocorreu.” (*matres omnes filiis / in peccato adiutrices, auxilio in paterna iniuria / solent esse: id non fit. Heaut. 991-13*).

⁶⁵ O plano do *seruus callidus* é o seguinte: “pois, quanto mais essa suspeita parecer verdadeira e o jovem ficar sem esperança, tanto mais facilmente fará as pazes com o pai em seus termos”. (*nam quam maxime huic visa haec suspicio / erit vera, quamque adulescens maxime quam in minima spe situs / erit, tam facillume patri pacem in leges conficiet suas. Heaut. 996-98*).

Clítifo recorre às suplicas, levando a mãe às lágrimas: “se já houve um tempo, mãe, quando fui querido por ti, chamado de bom grado de ‘teu filho’, imploro para que te recordes disso e te apiedes de minha miséria.” (*si umquam ullum fuit tempu', mater, quom ego voluptati tibi / fuerim, dictu' filiu' tuo' vostra voluntate, obsecro / eius ut memineris atque inopi' nunc te miserescat mei, Heaut. 1024-26*). Sóstrata, sem se dar conta que intenção de Cremes é oprimir o filho para expurgar-lhe o comportamento inadequado, condena-lhe a atitude. E o resultado gera mais confusão: leva o jovem a crer que fosse efetivamente um filho espúrio. Em resumo, Sóstrata pede para o filho não mais desconfiar de sua origem, ao passo que Cremes o obriga a aceitar os vários defeitos que enumera: “se desejas saber, eu direi: pateta, incapaz, velhaco, glutão, bebedor, perdulário; aceita que és assim e aceitarás que é de nós” (*si scire vis, ego dicam: gerro, iners, fraus, helluo, / ganeo's, damnosus: crede, et nostrum te esse credito. Heaut. 1033-34*). Interessante é o modo como o filho sumariza, por sua vez, a defasagem entre o modo de expressão de Cremes e seu papel de pai: “não é assim que fala um pai” (*non sunt haec parentis dicta. Heaut. 1035*). Recorrendo a um paralelo com o mito, a resposta do *senex* parece acentuar o fato de que o personagem está fora de si, i. e., que deixou cair a máscara do autocontrole que outrora pregava:

*non, si ex capite sis meo
natus, item ut aiunt Minervam esse ex Iove, ea causa magis
patiar, Clitipho, flagitiis tuis me infamem fieri
(Heaut. 1035-37).*

Nem que fosses nascido de minha cabeça, como se diz que Minerva o foi de Júpiter, isso não seria motivo de eu suportar de mais bom grado, ó Clítifo, que tuas infâmias me difamem

Contudo Cremes faz Clítifo se envergonhar de sua atitude: “procuras pelo que já tens, teus pais, e o que te faltas não procuras: de que modo ser obediente a teu pai e como conservar o que ele conquistou com suor.” (*quaeris id quod habes, parentes; quod abest non quaeris, patri / quo modo obsequare et ut serves quod labore invenerit, Heaut. 1039-40*). Clítifo, vexado e inerte diante da autoridade paterna, não encontra recursos para dissuadi-lo. Ao final, Cremes cede a um acordo, contanto que Clítifo encontre uma esposa, a qual ele mesmo prefere escolher⁶⁶. Recebido o perdão paterno, o jovem pede

⁶⁶ Henderson (2004: 61) analisa sob o ponto de vista da atitude em relação ao casamento do filho o caráter do personagem em apreço: o bisbilhoteiro Cremes, entretanto, encerra a peça premindo seu filho e herdeiro a escolher uma jovem da vizinhança adequada ao casamento, do contrário, será

para que Siro também seja perdoado. No entanto, ao público terenciano, certamente são marcantes as palavras de Menedemo, que interviera a fim de reconciliar pai e filho, mas sem deixar de censurar aquele que se dissera a princípio tão humano e interessado em assuntos da humanidade: “não só com **assaz severidade**, como também com **assaz desumanidade**, ele flagela o juvenzinho” (*nimis graviter cruciat adolescentulum / nimisque inhumane. Heaut. 1045-47*, grifos meus).

4 – Conclusão

Mediante a análise das falas e comportamento do personagem Cremes expostas até então, foi possível constatar que este apresenta várias facetas (*personae*) no decurso da comédia em apreço.

É verdade que, segundo Castillo (1986: 123), Cremes de início se apresenta como um *homo humanus*, cujas capacidades de observação e de compreensão lhe facultariam auxiliar os demais em seus problemas (cf. *Heaut. 77-79; 86; 491-92*). Ainda que as alusões filosóficas, uma vez percebidas pelo público, contribuíssem para ridicularizar um tanto o personagem camponês, tal riso não chegaria, segundo aqui se pensa, a desmascarar de uma vez certa preocupação com as questões alheias, mesmo que aos poucos, a bisbilhotice acaba por se mostrando o interesse predominante.

A faceta matreira, próxima ao escravo de comédia, associada à postura de pai moralista e rígido, enfatiza a superposição de *personae* do personagem. Isso se mostra sobretudo no contraste da postura de Cremes como pai com a da esposa (mãe mais benevolente para com o filho, que o velho tanto reprocha), ou com Menedemo (pai que realmente, tendo aprendido com o sofrimento, preocupa-se com o bem-estar de seu filho).

Nesse sentido, é interessante notar que, não obstante a cena de reconhecimento (a revelação da identidade de Antífila) não contribuir para um desfecho feliz, como apontou Perelli (1973: 176, n 3), descortina-se, entretanto, o caráter *inhumanus* de Cremes. Isso porque o penúltimo ato traz à tona fatos de antanho, i. e., o ultimato de Cremes para sua esposa se livrar do rebento indesejado (*Heaut. 626-27*). Semelhante

deserdado, bem como renegado. Ou seja, no entender de Henderson, “o *humanist manque*” acaba por alienar, transformar em um assunto alheio (“has othered”) seu filho. Como contraponto está a conscientização de Menedemo quanto a mudar o tratamento em relação a seu filho (cf. *via pervolgata patrum. Heaut. 101* e *ut animum decuit aegrotum adolescentuli / tractare, Heaut. 100-01*).

consideração, entretanto, não se coaduna com as convenções romanas, por meio das quais era possível e não recriminável ao pai optar pelo não reconhecimento e pelo abandono de um filho recém nascido.

Mas o *senex* é desmascarado, sobretudo, ao agir de maneira adversa à prescrita por ele próprio. Por meio da análise de sutis ecos no texto terenciano, constatou-se que o conhecimento que Cremes pretende ostentar, e do qual se vale amiúde para aconselhar, advém de uma perspectiva externa aos acontecimentos (como um espectador) e se demonstra não pertinente à sua natureza. O quinto ato elucida, como sinal mais explícito da inconsistência de sua auto-imagem, que o mesmo personagem se descobre também vítima de um ardil: procedimento que se mostra, ademais, uma prática de todos em sua casa, e ao qual constantemente ele próprio recorre durante o enredo da peça para solucionar quase todos os problemas.

Lowe (1998: 170) observou: é o estratagema contra Menedemo que possibilita o logro de seu próprio elaborador, Cremes, enredado em sua própria trama ao se atentar mais às questões alheias do que àquelas que lhe concernem. Seria ele, e não Menedemo, quem castiga (*τιμωρόμαι*, participio presente *τιμωρόμενος*, cf. *G.E.L* **τιμωρέω*) a si próprio (*ἑαυτόν*) ao ser enganado enquanto tenta ludibriar Menedemo.

Embora à primeira vista pareça haver uma diferença entre o Cremes dos quatro primeiros atos e aquele do último ato, o que há é somente um desmascaramento e um desvelamento de uma característica que lhe é constante, essencial: a discrepância entre suas palavras e seus atos, uma contradição entre esses e seu juízo sobre si, sobre os demais e sobre a realidade, fazendo dele, personagem central da peça, um tipo *ridiculus*, uma vez que seu egocentrismo parece obnubiná-lo. Observamo-lo um campônio embevecido em seu mister de servir, por meio de uma diplomacia, de conselheiro (*monitor*, *Heaut.* 875), de juiz (“escolheram-me para juiz”, *me cepere arbitrum*, *Heaut.* 500), e de filósofo que professa aforismos (cf. *Heaut.* 77-79; 209-10 e 666) – considerações e admoestações aparentemente úteis aos demais, mas que se revelam inúteis, verbosidades floreadas de um conhecimento comum, de prescrições dos moralistas romanos, mas expressas sem discernimento.

Pode-se, em suma, dizer que Cremes é um personagem ridículo devido à sua inadequação, que ele evidencia ora procurando participar de tramas e elaborando ardis como o fazem os escravos ladinos, ora buscando prestígio por meio de uma postura sóbria, racional e sábia, e com isso enganando inclusive a si mesmo quanto à sua

natureza. A peça termina tal como começa, conclui Maltby (1984: 38): com o confronto entre os dois *senes*, mas é Menedemo agora, e não Cremes, quem oferece conselhos. Para Castillo (1986: 126), o riso do público se originaria das incoerências do personagem e, mediante a isso, Terêncio teria centrado no personagem Cremes a veia cômica (*vis comica*) da peça *Heautontimorumenos*.

5 – Bibliografia

- Anderson, William S. (2002). “Resistance to Recognition and ‘Privileged Recognition’”, *The Classical Journal*, vol. 98, nº. 1, pp. 1-8.
- Beare, William (1950). *The Roman Stage: A Short History of Latin Drama in the Time of the Republic*. London: Methuen.
- Bennett, Charles E. e Hammond, William A. (1902). *The Characters of Theophrastus*, New York, Longmans.
- Brandão, José Luís Lopes (2006). “Vida suetoniana de Terêncio. Estrutura e estratégias de defesa do poeta” in *Estudios sobre Terencio*, pp. 111-123.
- Brothers, A. J. (1980). “The Construction of Terence's *Heautontimorumenos*”, *The Classical Quarterly, New Series*, vol. 30, nº 1, pp. 94-119.
- _____ (1998). *Terence: The Self-Tormenter*. Warminster: Aris&Phillips.
- Brown, Peter (2006). *Terence: The Comedies* (tr. intr. e notas). New York: Oxford.
- _____ (2007). “Movements of characters and *pace of action* in Terence's plays”, in *Terentius Poeta*. München: Verlag C. H. Beck.
- Butler, H. E. (1958). *The Institutio Oratoria of Quintilian: in four volumes: Vol. IV*. Cambridge Mass.: Harvard University Press.
- Cardoso, Isabella Tardin (2005). *Ars Plautina: Metalinguagem em gesto e figurino*. 2005, 367 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- Castillo, Carmen (1986). “Caracterización de los personajes y función cômica en el *Heautontimoroumenos* de Terencio”, *Cuadernos Filología Clásica*, vol. 20, pp. 121-126.
- Conte, Gian Biagio (1994). *Latin literature. A history*. Baltimore: Johns Hopkins.
- Duckworth, George E. (1952). *The Nature of Roman Comedy: A Study in Popular Entertainment*. New Jersey: Princeton University Press.
- Del Col, José Juan (1993). *Terencio: Heautontimorumenos (El atormentador de sí mismo)*. Argentina: Instituto Superior Juan XXIII.
- Flickinger, Roy. C. (1910). “On The Prologue of Terence's *Heauton*”, *The Classical Weekly*, vol. 3, pp. 157-162.
- Frangoulidis, Stavros A. (1993). “Modes of Metatheatre: Theatricalisation and Detheatricalisation in Terence's *Eunuchus*”. *Liverpool Classical*, vol. 18, pp. 146-151.
- _____ (1994). “Performance and Improvisation in Terence's *Eunuchus*”. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*, vol. 48, pp. 121-130.
- _____ (1996). “(Meta)theatre as Therapy in Terence's *Phormio*.” *Classica et Mediaevalia*, vol. 47, pp. 169-206.
- Frank, Tenney (1928). “Terence's Contribution to Plot-Construction”, *The American Journal of Philology*, vol. 49 nº 4, pp. 309-322.

- Gilula, Dwora (1985). "How Rich Was Terence?", *Scripta Classica Israelica*, vol. 7-8, pp. 74-78.
- _____ (1989). "The First Realistic Roles in European Theatre: Terence's Prologues", *Quaderni urbinati di cultura classica*, vol. 33, pp. 95-106.
- _____ (1991). "Plots Are Not Stories: The So-Called 'Duality Method' of Terence", in *Reading Plays: Interpretation and Reception*, Cambridge University Press.
- _____ (2007) "Stage business and narrative: plot construction in Terence", in *Terentius Poeta*. München: Verlag C. H. Beck.
- Glare, P.G.W. (ed.) (1982). *Oxford Latin Dictionary (OLD)*. Oxford: Clarendon Press.
- Goldberg, Sander. M. (1983). "Terence, Cato, and the Rhetorical Prologue", *Classical Philology*, vol. 78, n° 3, pp. 198-211.
- _____. (1986). *Understanding Terence*. N. Jersey: Princeton University Press.
- Grimal, Pierre (1979). "Térence et Aristote à propos de l'*Héautontimorouménos*", *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, pp. 175-187.
- Henderson, John (2004). "Terence's Selbstaussöhnung: Payback Time for the Self (*Hautontimorumenus*)", *Ramus*, vol. 33, pp. 53-81.
- Henry, G. e Kenneth, G. (1915). "The Characters of Terence", *Studies in Philology*, vol. 12, n° 2, pp. 57-98.
- Jocelyn, H. D. (1973). "*Homo sum: humani nil a me alienum puto*", *Antichthon*, vol. 7, pp. 14-46.
- Karakasis, Evangelos (2002). "A reading of the introductory scene of Terence's *Heautontimorumenos*", *Δωδώνη: Φιλολογία*, vol. 31, pp. 247-262.
- Knorr, Ortwin (1995). "The Character of Bacchis in Terence's *Heautontimorumenos*", *American Journal of Philology*, vol. 116, n° 2, pp. 221-34.
- _____ (2007). "Metatheatrical Humor in the Comedies of Terence" in *Terentius Poeta*. München: Verlag C. H. Beck.
- Levin, Richard (1966). "The Double Plots of Terence", *The Classical Journal*, vol. 62, n° 7, pp. 301-305.
- Liddell, Henry G. e Scott, Robert (org.) (1996). *A Greek-English Lexicon (G.E.L)*. Oxford University Press.
- Lisardo, Rubio (ed.) (1991). *Terencio: Comedias vol. II: El Heautontimorúmenos – Formión*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Lowe, J. C. B. (1998). "The intrigue of Terence's *Heauton timorumenos*", *Rheinisches Museum für Philologie*, vol. 141, n° 2, pp. 163-170.
- Lusitano, Leonel da Costa, *Terêncio: Comédias*. São Paulo: Edições Cultura, 1945.
- Maltby, Robert (1984). "The Last Act of Terence's *Heautontimorumenos*", *Papers of the Liverpool Latin Seminar*, vol. 4, pp. 27-41.
- Manuwald, Gesine (2011). *Roman Republican Theatre: A History*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Marouzeau J. (ed.) (1947). *Térence: Comédies*. Paris, Les Belles Lettres, 2 v.
- Parker, Holt N. (1986). "Plautus vs. Terence: Audience and popularity re-examined", *American Journal of Philology*, vol. 117, n°4, pp. 585-617.
- Moodie, Erin K. (2009). "Old men and metatheatre in Terence: Terence's dramatic competition", *Ramus*, vol. 38, n° 2, pp. 145-173.
- Norwood, Gilbert (1963). *Plautus and Terence*. New York: Cooper Square Publishers.
- Perrelli, L. (1973). *Il teatro rivoluzionario di Terenzio*. Firenze: La Nuova Italia.
- Ricord, Frederick W. (1885). *The Self-Tormentor (Heautontimorumenos) From the Latin of Publius Terentius Afer*. New York: Charles Scribner's Sons.

Riley, Henry Thomas (1859). *The comedies of Terence*. New York: Harper & Brothers.

Rolfe, J. C. (1959). *Suetonius – Vol. II*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

Sharrock, Alison (2009). *Reading Roman Comedy: Poetics and Playfulness in Plautus and Terence*. New York: Cambridge University Press.

Sargeaunt, John (ed.) (1912). *Terence vol. I: The Lady of Andros, The Self-Tormentor, The Eunuch* (tr. intr. e notas). London: William Heinemann.

_____ (1912). *Terence vol. II: Phormio, the Mother-In-law, the Brothers* (tr. intr. e notas). London: William Heinemann, 1912.

Slater, Niall W. (1985). *Plautus in Performance: The Theater of the Mind*. Princeton: Princeton Univ. Press.

Sutton, Edward William (1967). *Cicero: in twenty-eight volumes. De oratore : in two volumes, Books 1-2*. Cambridge Mass.: Harvard University Press.

Wessner, P. (1962). *Aeli Donati Commentum Terenti - Vol. II*. Stuttgart.

Wilner, Ortho L. (1930). "Contrast and Repetition as Devices in the Technique of Character Portrayal in Roman Comedy", *Classical Philology*, vol. 25, n° 1, pp. 56-71.

Wright, John (1974). *Dancing in Chains. The Stylistic Unity of the Comoedia Palliata*. Rome: American Academy.